



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CAMPUS SÃO BERNARDO-MA
LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS/SOCIOLOGIA

SHARON TYLER ARAÚJO FONSECA

**OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBTQIA+ SOB O
OLHAR DA TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND**

SÃO BERNARDO - MA

2020

SHARON TYLER ARAÚJO FONSECA

**OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBTQIA+ SOB O
OLHAR DA TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo, como requisito para à obtenção do título de graduada em Sociologia.

Orientador: Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio.

SÃO BERNARDO - MA

2020

Fonseca, Sharon Tyler A.

OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBT: : SOB O OLHAR DA TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND / Sharon Tyler A. Fonseca. - 2020.

60 f.

Orientador(a): Josenildo Campos Brussio.

Monografia (Graduação) - Curso de Ciências Humanas - Sociologia, Universidade Federal do Maranhão, São Bernardo, Maranhão, 2020.

1. Gênero. 2. Imaginário. 3. Movimento LGBT. 4. Sexualidade. I. Campos Brussio, Josenildo, II. Título.

SHARON TYLER ARAÚJO FONSECA

**OS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBTQIA+: SOB O
OLHAR DA TEORIA DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND**

Monografia apresentada ao Curso de Graduação em Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia da Universidade Federal do Maranhão, campus São Bernardo, como requisito para à obtenção do título de graduada em Sociologia.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof^o. Dr. Josenildo Campos Brussio (orientador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^a. Dr^a. Amanda Gomes Pereira (1^o Examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

Prof^o. Dr. Mateus de Sá Barreto Barros (2^o Examinador)
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

A Deus.

*À minha família pelo apoio, amor e incentivo,
e principalmente por serem minha base e por
nunca me deixar fraquejar nos momentos
difíceis.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, primeiramente, sobre todas as coisas e pelo dom da vida.

Aos meus pais Marconi Almeida Fonseca e Maria Gorete Araújo, por toda a minha formação educacional e incentivo.

A minha família, pela compreensão às horas de reclusão para a realização desse trabalho.

Aos meus verdadeiros “amigos” que sempre me apoiaram e estiveram ali presentes em todos os momentos dessa trajetória acadêmica.

Ao meu orientador Prof. Dr. Josenildo Campos Brussio, pela belíssima orientação e paciência.

Aos professores participantes da banca examinadora Prof.^a Dr.^a Amanda Gomes Pereira e Prof. Dr. Mateus de Sá Barreto Barros pelo tempo, pelas valiosas colaborações e sugestões.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente Desenvolvimento e Cultura (GEPEMADEC), que foi de suma importância para meu desenvolvimento acadêmico.

Aos professores do curso de Licenciatura em Ciências Humanas/Sociologia, por todo o aprendizado repassado para a minha formação profissional.

Aos demais funcionários da UFMA.

Aos meus colegas da turma 2014 por toda ajuda e contribuição durante esses quatro anos de estudos.

A todos aqueles que, direta ou indiretamente contribuíram para a realização deste sonho. Aqui fica meu muito obrigado.

“O discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo porque, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar.”

Michel Foucault

RESUMO

O estudo em foco consiste em uma reflexão dos conceitos e diferenciações de gênero e sexualidade, uma breve explanação sobre a história do movimento LGBTQIA+ e sua evolução semiótica para apresentarmos uma análise dos elementos simbólicos presentes na comunidade LGBTQIA+ a partir da teoria do imaginário de Gilbert Durand (1997). Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, na qual utilizamos artigos, dissertações e livros que se fizeram de grande ajuda durante a escrita. Além disso, esta pesquisa faz-se relevante por trazer todo um percurso histórico do conceito de gênero e sexualidade e suas influências nos movimentos sociais LGBTQIA+, através dos acessórios e símbolos que essa comunidade reivindicava para serem aceitos na sociedade em prol da diversidade. Desta forma, no primeiro capítulo achamos importante fazermos primeiramente uma abordagem sobre os conceitos e diferenciações de gênero e sexualidade, todo um percurso sobre as teorias de algumas autoras feministas de como esse conceito de gênero influenciou os movimentos sociais, cultura, sexo, dentre outros. E a sexualidade, com seus discursos sobre as construções sociais e suas proibições. No segundo capítulo, desenvolvemos um breve discurso voltado ao histórico do movimento LGBTQIA+ e suas nomenclaturas. E no terceiro e último capítulo discorreremos sobre as teorias do imaginário de Gilbert Durand buscando analisar a simbologia LGBTQIA+ a seus regimes diurnos e noturnos de imagens.

Palavras-chave: Gênero; Imaginário; Movimento LGBTQIA+; Sexualidade.

ABSTRACT

The study in focus consists of a reflection of the concepts and differentiations of gender and sexuality, a brief explanation about the history of the LGBTQIA+ movement and its semiotic evolution in order to present an analysis of the symbolic elements present in the LGBTQIA+ community based on the theory of imagery by Gilbert Durand (1997) . Methodologically, it is a bibliographic research, in which we use articles, dissertations and books that were of great help during writing. In addition, this research is relevant for bringing a whole historical path of the concept of gender and sexuality and its influences on LGBTQIA+ social movements, through the accessories and symbols that this community claimed to be accepted in society in favor of diversity. Thus, in the first chapter we think it is important to first approach the concepts and differentiations of gender and sexuality, a whole journey on the theories of some feminist authors of how this concept of gender influenced social movements, culture, sex, among others. And sexuality, with its discourses on social constructions and its prohibitions. In the second chapter, we develop a brief speech focused on the history of the LGBTQIA+ movement and its nomenclatures. And in the third and last chapter we discuss the theories of Gilbert Durand's imaginary, seeking to analyze LGBTQIA+ symbology to his daytime and nighttime image regimes.

Keywords: Gender; Imaginary; LGBTQIA+ Movement; Sexuality.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	– A bandeira do arco-íris – símbolo do movimento LGBTQIA+.....	43
Figura 2	– O código dos lenços – preferências sexuais.....	44
Figura 3	– Os anéis da liberdade	46
Figura 4	– O triângulo rosa, o triângulo preto e o triângulo rosa e amarelo.....	47
Figura 5	– Lambda.....	48
Figura 6	– Labrys.....	49
Figura 7	– Mercúrio.....	49
Figura 8	– Símbolos de gênero.....	50
Figura 9	– Símbolo da bissexualidade.....	50
Figura 10	– Símbolo dos transgêneros.....	51
Figura 11	– Desfile da Parada Gay.....	52

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Diagrama da teoria do imaginário de Gilbert Durand e a Classificação isotópicas das imagens.....	38
---	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LGBT – Lésbicas, Gays, Bissexuais e Travesti...

LGBTQIA+ - Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis/Transsexuais, *Queer*, Intersexuais, Assexuais e mais.

GPEMADEC – Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente Desenvolvimento e Cultura.

PIBIC – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica.

RD – Regime Diurno.

RN – Regime Noturno.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. GÊNERO E SEXUALIDADE: CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES	17
2.1 Noções de gênero.....	17
2.2 A diferença entre gênero e sexualidade	23
3. O UNIVERSO LGBTQIA+: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO SEMIÓTICA	28
3.1 A história do Movimento LGBTQIA+	28
3.2 Evolução semiótica do universo LGBTQ+	29
4. ANÁLISE DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBTQIA+ À LUZ DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND	34
4.1 O imaginário antropológico em Gilbert Durand.....	34
4.2 Imagens, símbolos e representações.....	39
4.3 Elementos simbólicos na linguagem LGBTQIA+	42
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	54
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	57

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo trata de uma reflexão sobre os “Elementos simbólicos da linguagem LGBTQIA+¹: sob o olhar da teoria do imaginário de Gilbert Durand”. Objetiva-se realizar uma análise sobre alguns conceitos e diferenciações relacionados ao gênero e sexualidade, uma breve pauta sobre o universo LGBTQIA+ e sua evolução semiótica e uma análise dos elementos simbólicos presentes na comunidade LGBTQIA+, relacionando-os com a teoria do imaginário de Gilbert Durand (1997).

O interesse por essa temática surgiu a partir dos textos estudados no GEPENADEC (Grupo de Estudos e Pesquisas em Meio Ambiente Desenvolvimento e Cultura) e na minha participação como bolsista no PIBIC (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica). Desta forma, por me identificar muito com os debates e movimentos sociais de gênero e por minha atuação como bolsista estudando o imaginário de Durand (1997) e as fenomenologias de Bachelard (2001), despertou-me interesse em analisar a simbologia LGBTQIA+ e relacioná-la ao imaginário.

Para tanto, propusemos inicialmente desenvolver uma abordagem direcionada ao conceito de gênero e sexualidade para adentrarmos na contextualização do histórico do movimento LGBTQIA+ e suas diferenciações. A partir disto, procuramos identificar os mais diversos símbolos existentes na comunidade LGBTQIA+, catalogá-los e relacioná-los ao imaginário de Durand em seus regimes diurnos e noturnos.

Este trabalho, encontra-se dividido em três capítulos, finalizando com a conclusão e as referências bibliográficas. É um esforço em discutir e tentar compreender o percurso histórico do conceito de “gênero e sexualidade”, um tema muito controverso e tabu em nossa sociedade, sua construção social no contexto histórico, os movimentos sociais que surgiram em prol de um combate contra as questões relacionadas ao gênero e sexualidade, dando ênfase ao movimento LGBTQIA+, as imagens, mitos e arquétipos que agem na produção e reprodução de símbolos onde o imaginário interpreta os significados dos mesmos para compreendermos o universo que nos rodeia.

Portanto, no primeiro capítulo, procuramos expor alguns estudos sobre gênero relacionados às teorias de autoras como: Butler (2003) que aborda o movimento feminista e

¹ É importante frisarmos que primeiramente utilizávamos a sigla LGBT, assim que iniciamos a pesquisa. Todavia, todo ano a sigla evolui, como trataremos no segundo capítulo, sendo que a nomenclatura atual: LGBTQIA+, inclui os *Queers*, os Intersexuais, os Assexuais e outras categorias sem denominação específica ainda, representadas pelo “+”.

debates sobre as (trans) sexualidades, movimentos sociais, cultura, distinção entre sexo e gênero, identidades binária e não-binárias; os estudos de Beauvoir (1960), que aborda as questões do corpo e seus significados culturais através do gênero. Joan Scott (1995) que utiliza o termo gênero para designar as relações sociais entre os sexos, como homens e mulheres se comportam e correspondem a aprendizados socioculturais que nos ensinam a agir de acordo com prescrições de cada gênero. E Salih (2015) traz a ideia de um sujeito onde as identidades podem ser reconstruídas. Entretanto, ao tratarmos neste mesmo capítulo sobre “sexualidade”, abordaremos conceitos de Giddens (2005), que vem trazendo as discussões sobre gênero e sexualidade nas construções culturais e prazeres sociais e corporais, definindo a sexualidade nos dias atuais, com significados de desejos, sensações, proibições, fantasias, dentre outros. E os discursos sobre a sexualidade em Foucault (2009) que vem mostrar o poder da “exclusão ou interdição” de falar sobre a sexualidade e as proibições do sexo. Stuart Hall (1997) que vem trazendo a questão de novas identidades e diferenciações sociais e Louro (2000) que vem abordar sobre a sexualidade “apreendida” por vários sujeitos como algo natural.

No segundo capítulo, desenvolveremos um breve discurso sobre a história e surgimento do movimento LGBTQIA+ e influências do movimento, além dos preconceitos vividos até hoje por essas minorias e as lutas dos homossexuais defendendo seus direitos humanos. Sabendo-se que a comunidade LGBTQIA+ a cada dia vem sofrendo uma série de preconceitos, discriminação, violências e opressão, abordaremos o significado de algumas siglas relacionados às nomenclaturas LGBTQIA+ para melhor entendimento do leitor.

No terceiro e último capítulo, falaremos sobre o imaginário antropológico de Durand (1997). Apresentaremos a noção de imaginário como uma teoria que vem ganhando novas acepções em diferentes áreas dos saberes, levando os teóricos a diferentes dimensões e significados das ações imaginativas, as imagens, mitos e arquétipos que produzem e reproduzem símbolos que usamos como ferramenta para compreender o universo que nos rodeia. Abordaremos também sobre as Estruturas Antropológicas do Imaginário, que são divididas em “Regimes Diurnos” e “Regimes Noturnos” para explicar a “Classificação Isotópicas das Imagens”. Por conseguinte, explanaremos sobre os símbolos e representações nas teorias de Eliade (2002) e Bachelard (2001) para melhor entendermos o conceito de imaginação simbólica. Por último, através da catalogação de símbolos LGBTQIA+, construiremos uma análise dos mesmos com a contribuição da classificação isotópica das imagens de Durand.

Assim, finalizamos com a conclusão, na qual trazemos uma abordagem sobre o que conseguimos compreender com todo o desenvolvimento e discussões pautados durante os três

capítulos. Destacando, primeiramente, o que foi possível concluir com as discussões sobre Gênero e Sexualidade, em segundo, a história e semiótica do universo LGBTQIA+ e, por fim, sobre o imaginário de Durand e sua análise sobre os arquétipos LGBTQIA+.

2 GÊNERO E SEXUALIDADE: CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES

2.1 Noções de gênero

O percurso histórico do conceito de gênero, na forma nominal que o concebemos hoje, tem suas raízes nas Ciências Sociais, mais especificamente no campo etnográfico da Antropologia. Sabemos que não é tarefa fácil discutir sobre “gênero”, um tema tão controverso e tabu em nossa sociedade.

Além disso, nos últimos anos percebemos que essa abordagem apareceu de forma silenciosa nas escolas, nas famílias, nas mídias, entre outros espaços acadêmicos ou não. O que podemos observar é o crescimento das falas e dos movimentos que reivindicam os direitos daqueles considerados “diferentes”. Dessa forma, as questões de gênero vêm sendo marcadas por violências e intolerâncias com relação às pessoas que não se inserem nos padrões hegemônicos de comportamentos e afeto.

Em seus estudos Butler (2003), aponta que os estudos feministas publicados por autoras a partir dos anos de 1970 trouxeram uma corrente universalista para os estudos de gêneros, ao observarem um padrão de dominação/submissão entre homens e mulheres em diversas culturas. Sabendo-se que, de início, como ressalta Butler (2003), “os estudos de gênero foram voltados e influenciados pelo movimento feminista e sua preocupação central era a mulher e seus direitos”, atualmente, esses estudos incluem debates muito mais amplos, trazendo abordagens sobre identidade² e diferenças, (trans) sexualidades, movimentos sociais, cultura, desigualdades e violências, dentre outros. O que nos instiga a tentar compreender por que ainda persistem práticas preconceituosas e discriminatórias a mulheres, bissexuais, homossexuais, transgêneros, dentre outros, a viverem de acordo com suas orientações particulares.

Enquanto os estudos de gênero, os estudos gays e lésbicos e a teoria feminista podem

² O conceito de identidade é complexo, ou como diria Bauman (2005): Tornamo-nos conscientes de que o “pertencimento” e a “identidade” não têm a solidez de uma rocha, não são garantidos para toda a vida, são bastante negociáveis e revogáveis, e de que as decisões que o próprio indivíduo toma, os caminhos que percorre, a maneira „como age – e a determinação de se manter firme a tudo isso – são fatores cruciais tanto para o “pertencimento” quanto para a “identidade” (BAUMAN, 2005, p. 17)

ter tomado a existência de “o sujeito”³ (sujeito gay, lésbico, a fêmea), a teoria *queer*⁴ investiga e desconstrói essas categorias, instabilizando as identidades sexuadas.

Para Butler (2012),

“uma investigação genealógica da constituição do sujeito supõe que o sexo e gênero são efeitos – e não causas de instituições, discursos e práticas, em outras palavras, nós como sujeitos, não criamos ou causamos as instituições, os discursos e as práticas, mas ele nos criam ou causam, ao determinar nosso sexo, nossa sexualidade, nosso gênero” (BUTLER, 2012).

Como se pode notar, há outros modos pelos quais o sujeito se “efetua” em momentos específicos, e quando instituído em formas sem limite se reforça o poder existente. Desta forma, a importância de desestabilizar e desconstruir os termos pelos quais os sujeitos e as identidades são construídos. Salih (2015) ressalta que,

“à ideia de que o sujeito não é uma entidade presente, essencial, e que nossas identidades são construídas significa que as identidades podem ser reconstruídas sob formas que desafiam e subvertem as estruturas de poder existentes”. [...] o sujeito só pode conhecer a si mesmo através de um outro, mas no processo de reconhecer a si mesmo e construir sua própria autoconsciência, ele deve superar ou aniquilar o outro, caso contrário ele coloca em risco sua própria existência. (SALIH, 2015).

Os conceitos de gênero e sexo consolidam a desconstrução do sujeito. Para tanto, os modos pelos quais a identidade de gênero /sexual é construída pelo discurso, Butler (2012) postula um sujeito como sempre em processo. Desta forma, a identidade de gênero é conceituada como uma sequência de atos sem autor ou ator. Segundo Sara Salih (2005), Butler argumenta que, “o gênero não é natural e que não há uma relação necessária entre o corpo de alguém e seu gênero”.

Butler ressalta que,

A noção binária de masculino e feminino não só a estrutura exclusiva em que essa especificidade pode ser reconhecida, mas de todo modo a “especificidade” do feminino é mais uma vez totalmente descontextualizada, analítica e politicamente separada da constituição de classe, etnia e outros eixos de relações de poder, os quais tanto constituem a “identidade” como tornam equívoca a noção singular da identidade (BUTLER, 2012, p. 21).

Desta forma, a categoria das mulheres como um sujeito feminino é compreendida por

³ Vale ressaltar que, neste trabalho, a noção de “sujeito” adotada é a que Judith Butler apresenta no primeiro capítulo (“Mulheres” como sujeito do feminismo), do seu livro *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Para Butler (2003), a noção de sujeito exige uma reflexão sobre a construção política do sujeito, aos sistemas de poder, aos discursos de legitimação e exclusão desenvolvidos pelas estruturas sociais de poder.

⁴ A Teoria *Queer* surgiu de uma aliança de teoria feminista, pós-estruturalista e psicanalista que fundavam e orientavam a investigação que há vinha fazendo sobre a categoria sujeito. [...] caracteriza como indistinguível, indefinível, instável. [...] não está preocupado com definições, fixidez ou estabilidades, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação. (SALIH, 2015, p. 19).

várias recusas de aceitar essa categoria, podendo haver a exclusão dos domínios que causam a construção de sua identidade, ocasionando um fracasso nas reivindicações e representações feministas.

Segundo Butler (2012), “[...] a distinção entre sexo e gênero atende a tese que, por mais, que o sexo pareça intratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído [...]”. Desta maneira, se o gênero são os significados culturais assumidos pelo corpo sexuado, ele não decorre de um gênero específico.

Em seus estudos, Simone de Beauvoir sugere em *O Segundo Sexo* (1960), que “a gente não nasce mulher, torna-se mulher”. [...] o gênero é “construído” tendo um sujeito em sua formulação, um *cogito* que de algum modo assume ou se apropria desse gênero, podendo assumir outro gênero. Diante disto, a autora questiona que a essência não é algo que está com o ser a priori, mas antes algo que adquirimos com as experiências que vivemos. Uma vez que a nossa existência não nos afirma como mulher ou homem, mas antes como ser que existe sem predefinição. A existência precede a essência e assim, não se nasce mulher, a nossa existência não nos afirma como mulher, mas torna-nos mulher.

Beauvoir (1960) afirma que “o corpo é uma situação”, que não há como recorrer a um corpo que tenha sido interpretado por meios de significados culturais, será sempre apresentado por definição como tendo sido gênero desde o começo. Ou seja, “o corpo” aparece como um meio sobre o qual carrega os significados culturais com marca de gênero.

Entretanto, Butler (2003, p. 28) afirma que “os cientistas sociais se referem ao gênero como um “fator” de análise aplicado ao sujeito como uma “marca de diferença biológica, linguística/ou cultural”. Desse modo, o gênero é compreendido como um significado assumido pelo corpo diferenciado sexualmente existente em relação a outro significado oposto.

Beauvoir (1960) propõem que, “o corpo feminino deve ser a situação e o instrumento da liberdade da mulher, e não uma essência definidora e limitadora”. Essa teoria traz uma análise de que a mente não só subjuga o corpo, mas fortalece a fantasia de fugir da corporificação e sua separação do estado de liberdade.

Entretanto, Butler (2003, p. 38) propõe que,

[...] sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujos gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pressões são definidas. (BUTLER, 2003, p. 38).

Como apontado acima, essas pessoas por não se conformarem com às normas dos gêneros inteligíveis são concebíveis em relação a normas existentes e proibidos pelas leis que buscam estabelecer linhas causais de ligação entre o sexo biológico, causando ao gênero culturalmente construído, a manifestação do desejo sexual se tornar proibida.

As relações de gênero referem-se às relações sociais de poder entre homens e mulheres, em que cada um tem seu papel social que é determinado pelas diferenças sexuais. Discutir sobre gênero é mostrar que pode existir igualdade e respeito na sociedade é conscientizar o outro da diversidade que nos constitui. Para tanto, a questão de gênero vai muito além de falar sobre sexualidade, é buscar problematizar e desconstruir os seus significados culturais relacionados ao termo biológico, é incluir sujeitos excluídos como: mulheres, transexuais, bissexuais, lésbicas, assexuais, homossexuais, indígenas, negras (os), dentre outros, em nossas discussões para darmos mais visibilidade aos mecanismos de opressão a que se encontram esses sujeitos.

Além disso, das experiências de uma pessoa a respeito de si mesma e das suas relações com outros gêneros destaca-se a identidade de gênero, fator esse que não depende do sexo biológico da pessoa, mas de como ela se percebe. Conforme a autora Butler (2003, p. 24), “essa identidade pode se subdividir entre binária (homem e mulher), ou ir além das representações de reconhecimento as não-binárias (todos os outros gêneros)”.

Como exemplo de identidade não-binária, temos as pessoas transgênero, transexuais e travestis, que cuja identidade de gênero é diferente do gênero de nascimento. Dessa forma, grande parte da sociedade vê esse gênero como “desalinhado”, ou seja, fora do seu corpo e do seu gênero, termo esse que destaca e visibiliza quem é trans. Entretanto, historicamente os gêneros não-binários se aproximam da população LGBTQIA+, pela luta por equidade de direitos civis e sociais por se enquadrarem socialmente enquanto transgênero. Tais direitos são alvos de ataques constantes, pois

Em sendo a “identidade” assegurada por conceitos estabilizadores de sexo, gênero e sexualidade, a própria noção de “pessoa” se veria questionada pela emergência cultural daqueles seres cujo gênero é “incoerente” ou “descontínuo”, os quais parecem ser pessoas, mas não se conformam às normas de gênero da inteligibilidade cultural pelas quais as pessoas são definidas. (BUTLER, 2003, p. 38).

Assim sendo, a identidade de gênero é formada por elementos culturais, pela sociedade, pela experiência familiar desde a infância, ou seja, através do processo de socialização pelo qual os adultos influenciam as crianças a adotar certos comportamentos e uso

do corpo: bonecas são para meninas x carrinhos para meninos, cabelos longos para meninas x cabelos curtos para meninos, rosa para meninas x azul para meninos, entre outros.

No entanto, o gênero constitui o modo como nos relacionamos com o outro e conosco definindo a maneira como cada um percebe o mundo. Ao abandonar a definição tradicional de papéis sexuais o conceito de gênero passou a se definir como cultural fazendo com que o processo humano se estruturasse em torno do gênero. Dessa forma, o conceito de gênero não é uma estrutura fixa nem única, se torna uma categoria móvel e estratégica, ou seja, está em constante transformação perante a sociedade.

Como apontado acima, “gênero” conceito formulado nos anos 1970 com profunda influência do movimento feminista, trata das diferenças que são os resultados das construções sociais e culturais, não resultados da natureza humana, por isso, podemos tratar deste conceito em diversos casos como, por exemplo, o conceito de “gênero” usado para falar das questões de desigualdades sociais, das hierarquias, das dominações masculinas, femininas, dentre outras. Assim sendo, esse conceito nos leva a entender que há machos e fêmeas na espécie humana e que a maneira de ser homem e de ser mulher é realizada pela cultura.

Segundo Scott (1995), “gênero significa que homens e mulheres são produtos da realidade social e não somente decorrência da anatomia de seus corpos” (SCOTT, 1995). Após essa breve caracterização entende-se que apesar das definições sobre as pessoas como homens e mulheres desde o nascimento tendo como base as suas características físicas do corpo, as ciências sociais argumentam que gênero se refere à organização social da relação entre os sexos e expressa que homens e mulheres são produtos do contexto histórico social e não resultado da anatomia de seus corpos.

No entanto, a partir da compreensão sobre as diferenças corporais e sexuais, culturalmente se cria na sociedade, valores e ideias sobre o que é ser homem ou mulher. Desse modo, as representações sobre as questões de gênero relacionam-se à forma como as pessoas concebem os diferentes papéis sociais e comportamentais relacionado aos homens e às mulheres, o que estabelece padrões fixos que é “próprio” para o feminino e para com o masculino. Dessa forma, regras são reproduzidas como se fosse um comportamento natural do ser humano, desenvolvendo condutas e modos únicos de se viver sua natureza sexual. Portanto, isso significa que as questões de gênero têm ligação direta com a disposição social de valores, desejos e comportamentos relacionados à sexualidade.

Gênero é uma categoria analítica que explica o conjunto de atribuições culturais e sociais postos aos indivíduos de diferentes sexos. Este tipo de teorização rejeita a explicação biológica do que é ser homem e ser mulher. Segundo Joan Scott (1995, p. 75):

O termo “gênero” (...) é utilizado para designar relações sociais entre os sexos. Seu uso rejeita explicitamente explicações biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum, para diversas formas de subordinação feminina, nos fatos de que as mulheres têm capacidade de dar à luz e de que os homens têm uma força muscular superior. Em vez disso, o termo “gênero” torna-se uma forma de indicar “construções culturais” – a criação inteiramente social de ideias sobre os papéis adequados aos homens e às mulheres. Trata-se de uma forma de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas de homens e mulheres” (SCOTT, 1995).

Com a citação de Joan Scott (1995) podemos notar que o “gênero” é uma construção social e como tal é passível de ser transformada. Para a autora, a hierarquização de gênero não é um fato natural, mas sim cultural, cuja organização é produzida socialmente e em determinado contexto histórico. Além disso, as maneiras como homens e mulheres se comportam correspondem a aprendizados socioculturais que nos ensinam a agir de acordo com prescrições de cada gênero.

Percebemos que as representações de gênero são distintas de uma cultura para outra, sendo um dos objetivos dos estudos de gênero e das ciências sociais analisar a diversidade de expressões em diferentes grupos e locais, o que podemos identificar e desnaturalizar tais padrões. No entanto há uma enorme expectativa social em relação às ações, atitudes e expressões de homens, mulheres e até mesmo do público LGBTQIA+, com relação ao seu modo com o trabalho, com a família, suas vestimentas, atração física, dentre outros, englobando tudo isso nas expectativas sobre quais atividades devem ser desempenhadas por cada grupo aqui mencionado.

Outro ponto muito importante que deve ser observado é a diferença entre os conceitos de gênero e sexo. Para tanto, gênero está ligado a noções socialmente construídas de masculinidade e feminilidade; não é necessário um produto direto do sexo biológico de um indivíduo. A distinção entre sexo e gênero é fundamental, já que muitas diferenças entre homens e mulheres não são de origem biológica. Como coloca Anthony Giddens (2004, p. 109), seguindo as produções feministas a respeito:

“Os sociólogos utilizam o termo sexo para se referirem às diferenças anatômicas e fisiológicas que definem o corpo masculino e feminino. Em contrapartida, por gênero entendem-se as diferenças psicológicas, sociais e culturais entre indivíduos do sexo masculino e do sexo feminino” (GIDDENS, 2004).

Assim como as noções tradicionais de gênero estão sendo transformadas, as ideias acerca da sexualidade também estão sofrendo mudanças. Nas sociedades tradicionais, a sexualidade estava intimamente ligada ao processo de reprodução, mas, em nossa época, desvincilhou-se dele, a sexualidade tornou-se uma dimensão da vida que cada indivíduo pode explorar e moldar. São estas diferenças que veremos no subitem a seguir.

2.2 A diferença entre gênero e sexualidade

As categorias de gênero e sexualidade tem sido alvo de várias discussões na contemporaneidade, envolvendo debates onde há grande crítica de um sistema binário que sustenta estruturas de comportamentos e simbolismo que definem a identidade humana. Para tanto, esse sistema binário classificou o ser humano biológico em dois únicos subgrupos: homens e mulheres, onde o corpo físico (sexo biológico) tornou-se base para constituir e excluir outros elementos da identidade humana, como as expressões de gênero, a orientação afetivo-sexual, a identidade de gênero e os papéis sociais atribuídos a cada indivíduo. Desse modo, analisar e questionar o modelo de sexualidade humana com relação ao sistema binário permite aprofundar nosso entendimento sobre como a identidade de gênero e a sexualidade efetivamente se constituem.

Do mesmo modo que gênero, a sexualidade é culturalmente estabelecida e tem distinções em diferentes grupos e culturas. A sexualidade envolve as práticas eróticas do ser humano, suas escolhas de relação afetiva e objetos de desejo. Além disso, o conceito de sexualidade no ocidente está relacionado ao de gênero, a heterossexualidade como posição superior, e a homossexualidade compreendida de forma inferior. Em outras palavras, na sociedade em que vivemos considera-se normal ser heterossexual marcando assim a sexualidade como prática heteronormativa, ou seja, fora do padrão de normalidade.

Se a sexualidade foi “definida” em termos de heterossexualidade e monogamia no contexto das relações matrimoniais, agora há uma crescente aceitação de diferentes formas de comportamento e orientações sexuais numa variedade abrangente de contextos, como as influências sociais no comportamento sexual, as recentes tendências na atividade sexual humana e as mudanças de atitudes para com a homossexualidade. Na atualidade, gênero não se constitui como um tema, mas uma perspectiva de análise que se relaciona com as questões de

raça/etnia e de classes sociais, entre outras categorias. O social e o cultural constroem as identidades de gênero.

Essa construção orienta como os meios de comunicação e a sociedade de modo geral tratam os indivíduos e definem o que se considera masculino e feminino. No entanto, as discussões sobre gênero e sexualidade trazem as construções culturais com base nos prazeres sociais e corporais compreendendo o erotismo, o desejo e o afeto até à reprodução e o exercício do poder na sociedade. Segundo Giddens (2005), “se um indivíduo desenvolve práticas de gênero que não correspondem ao seu sexo biológico – ou seja, que fogem à regra -, a explicação parece residir na socialização inadequada”. Dessa forma, as definições sobre a sexualidade nos dias atuais abarcam significados, ideias, desejos, sensações, emoções, experiências, condutas, proibições, modelos e fantasias que são configurados em diversos contextos sociais e períodos históricos.

Assim, surgem várias especulações de questões que abordam sobre o comportamento sexual humano, padrões sexuais, diferenças sexuais e o caráter da sexualidade fazendo com que o surgimento das novas categorias passe por uma autocrítica com relação à sua orientação sexual perante a sociedade. Como exemplo, temos a própria criação da categoria “homossexual” e a sua associação à ideia de patologia associa a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo o que dá ideia de crime ou fragilidade moral em diversos contextos históricos. Ao tratarmos especificamente da sexualidade, que também faz parte dos conjuntos de identidades, podemos dizer que ela é constituída a partir de múltiplos discursos que normatizam, regulam, interditam, instauram saberes, que produzem “verdades”.

O movimento feminista, o movimento gay e de lésbicas desde os anos sessenta vem trazendo novo debates sobre as identidades e as práticas sexuais e de gênero, práticas essas que vem se tornando muito comum tanto por esse público alvo como por todos aqueles (as) que se sentem ameaçados por essas manifestações.

Para tanto, as possibilidades de viver o prazer e desejos corporais cada vez mais vem se evidenciando de maneira mais explícita entre mulheres ou homens, surgindo assim novas identidades e diferenciações. Segundo Hall (1997), “novas identidades sociais tornaram-se visíveis, provocando em seu processo de afirmação e diferenciação, novas divisões sociais e o nascimento do que passou a ser conhecido como “política de identidades”. Essa concepção de identidade abordada por Hall é a do sujeito pós-moderno, onde o sujeito é definido “como não tendo uma identidade fixa, essencial ou permanente”. Na concepção pós-moderna a identidade do sujeito passa a sofrer alterações com frequência, fazendo com que o indivíduo deixe de ter

uma identidade estável e imóvel, e passe a ter uma identidade fragmentada, sendo esta uma consequência da Pós-Modernidade, e seu avançado processo de transformação social. A identidade é construída biologicamente, ou seja, a pessoa já nasce sabendo sua identidade, como ocorria nas sociedades tradicionais, mas passa a ser construída historicamente, através do que é exposto ao indivíduo em sua relação com o meio social. Portanto, a construção da identidade dos indivíduos na sociedade pós-moderna está estritamente ligada a relação com meio social em que o mesmo faz parte, assim, podemos dizer que a sociedade tem grande influência na construção da identidade dos indivíduos.

Desta forma, percebemos que as transformações sociais vêm construindo novos relacionamentos e estilos de vida, e que nos anos seguintes isso se aceleraria de forma espontânea. Logo a sexualidade é “aprendida”, ou melhor, construída, ao longo de toda a vida, de muitos modos por todos os sujeitos (Louro, 2000).

Portanto, muitos consideram a sexualidade como algo natural “dado” pela natureza, inerente ao ser humano. Porém, Louro (2000) ressalta que,

[...] a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, etc. [...] processos culturais e plurais. Nessa perspectiva nada é natural os corpos ganham um sentido na cultura e a sexualidade expressa os desejos e prazeres que são moldados pela sociedade. (LOURO, 2000).

Aos poucos a afirmação das identidades vai se tornando visível e perceptível, a visibilidade para aqueles (as) que querem “assumir” a condição de homossexual ou de bissexual é um ato que pode causar estigmatização. Segundo Weeks (1995, p. 88)

[...] a medida em que várias identidades – gays, lésbicas, *queers*, bissexuais, transexuais, travestis – emergem publicamente, elas evidenciam a fluidez das identidades sexuais. [...] a sexualidade é tecida na rede de todos os pertencimentos sociais. [...] não pode ser compreendida de forma isolada. (WEEKS, 1995, p. 88).

Os discursos sobre a sexualidade continuam se modificando e se multiplicando. Outras respostas e resistências, novas intervenções sociais serão inventadas. Foucault (1996) trata das formas e das instâncias onde aprendemos esse discurso, de nossa apropriação a linguagem da sexualidade que nos diz, aqui, agora, sobre o que falar e sobre o que silenciar, o que mostrar e o que esconder, quem pode falar e quem deve ser silenciado.

Segundo Weeks (1995),

[...] o “sexo” é um termo descritivo para as diferenças anatômicas básicas, internas e externas ao corpo, que vemos como diferenciando homens e mulheres. [...] embora essas distinções anatômicas sejam geralmente dadas no nascimento, os significados a elas associadas são altamente históricas e sociais.

Ao refletirmos sobre esses discursos normalizadores, podemos destacar os estudos do filósofo Michel Foucault (2009), em que o mesmo expõe várias hipóteses referentes à sociedade a produção do discurso que é “ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade” (FOUCAULT, 2009, p. 9).

Para o autor, essa hipótese da lógica do poder dos discursos evidencia a exclusão ou o que ele se refere à “interdição”, sabe-se que não se tem o direito de falar de tudo seja em qual for a circunstância ocasionando sempre um objeto tabu, em nossos discursos atuais, tal objeto seria a sexualidade.

Em diferentes estudos, Michel Foucault buscou compreender como o corpo humano ao longo do tempo tornou-se um espaço em que diferentes modalidades de poder e de saber atuam. De acordo com as análises Foucault revela que a sociedade moderna é caracterizada por relações que articulam saberes, poderes e com eles incidem sobre os corpos e a sexualidade.

A história da sexualidade como centro de repressão é marcada no decorrer do século XVII, onde surgem as proibições relacionadas ao sexo. A confissão da carne atribuía na penitência outros pecados relacionados as insinuações da carne como: pensamentos, desejos, imaginações voluptuosas, deleites, movimentos simultâneos da alma e do corpo. Dessa forma o indivíduo a ser direcionado para a confissão obtinha resultados na direção espiritual. O sexo era origem de todos os pecados e confessar as infrações relacionadas às leis do sexo era exigência da penitência tradicional porque vinculava-se ao jogo dos prazeres, sensações e pensamentos que se entrelaçavam na alma e o corpo.

O discurso sobre o sexo no início deste mesmo século, principalmente, entre as sociedades burguesas era ilícito, logo, o nível da linguagem sobre o mesmo era controlado quando discursado podendo chegar a ser censurado. Diferentemente dos séculos atuais em que houve várias transformações em torno do discurso sobre o sexo e sexualidade. Segundo Foucault (1979, p. 25),

[...] o homem ocidental há três séculos tinha permanecido atado a essa tarefa que consiste em dizer tudo sobre o seu sexo; que, a partir da época clássica, tenha havido uma majoração constante e uma valorização cada vez maior do discurso sobre o sexo; e que se tenham esperado desse discurso, cuidadosamente analítico, efeitos múltiplos de deslocamento, de intensificação de reorientação, de modificação sobre o próprio desejo. (FOUCAULT, 1979, p. 25).

A partir de então, ampliou-se o discurso sobre o sexo de várias maneiras, em forma de sexualidade, análise, classificação, especificações dentre outras. De acordo com Foucault (1984), “o próprio termo sexualidade surgiu tardiamente, no início do século XIX”, vêm multiplicando os diversos discursos sobre os tipos de sexualidades iniciando várias heterogeneidades sexuais, levando o homossexual dos séculos anteriores a tornasse um personagem do passado, ressurgindo como uma figura de sexualidade adotado como uma espécie à ser interpretado, considerando as histórias sobre o discurso do sexo. Nesta mesma trajetória, o sexo separou-se da medicina como conceito geral do corpo e passou a ser considerado um “instinto” sexual, podendo apresentar anomalias constitutivas, desvios adquiridos, enfermidades ou processos patológicos.

A homossexualidade surgiu das disfunções e comportamentos que se afastam da heterossexualidade tradicional, num contexto social divergente da atualidade e historicamente exterioriza profundas transformações, no que cerne a cultura, moral, religiosidade e familiar (FOUCAULT, 1979.). Conforme a citação podemos comentar que Foucault afirma que a sexualidade estava dominada pelos processos patológicos, o que ocasionou as ciências e a religião a procurarem pela cura e normalização da conduta sexual, já que a homossexualidade era vista como um desvio de conduta. A partir disto, um estudo mais profundo sobre a sexualidade levaria para a compreensão do ser humano em suas formas de agir, pensar, se expressar e se comportar com a sociedade e em família.

No decorrer do século XX até os dias atuais, os discursos sobre o sexo vêm com menos ruptura, com interdições sexuais relacionadas às questões pré-nupciais, extramatrimoniais, a quebra de tabus sobre a sexualidade das crianças, dentre outros fatores. A sexualidade procura se redefinir a especificidade da sua sexualidade em face da dos outros, está longe de ser reprimida da sociedade contemporânea. E os estudos de gênero no final desse mesmo século abriu caminhos para novas pesquisas que ganharam significados devido as contribuições dos movimentos sociais de gênero, e o comportamento humano não é naturalmente definido pelo nosso sexo biológico.

Apresentam-se diferentes possibilidades de orientação afetivo-sexual que, além disso, a cada cultura, em diferentes tempos históricos, correspondem expressões de gênero papéis sociais específicos e seus integrantes. Para tanto, os quatro elementos (sexo biológico, identidade de gênero, orientação afetivo-sexual e expressão de gênero) podem ser vivenciados de maneiras diferentes, transcendendo a antiga categorização binária e superando a

heteronormatividade, podendo combinar-se de formas variadas, constituindo múltiplos modos de composição identitária de uma pessoa.

O preconceito e discriminação aos grupos de lésbicas, gays, bissexuais e transexuais (LGBT) é algo bastante atual e traz consigo uma cultura machista e uma hierarquização do gênero sexual. Entretanto, alarmante são os índices de violências contra esse grupo, e os estudos sobre “gênero” e “sexualidade” surge para debater e compreender as construções simbólicas e sociais que levam à violência desse grupo. Dessa forma, os debates são de suma importância pois através dele que identificamos e analisamos às situações de menosprezo às quais esses grupos enfrentam em vários ambientes seja ele de trabalho, na mídia, na escola, na família, ou seja, em várias passagens da vida social.

Para tanto, esses grupos não tentam se encaixar nos padrões da sociedade, pois a multiplicidade do mundo é inegável, as pessoas reinventam suas identidades e suas vidas para serem felizes, fugindo desses padrões de consumo e estéticos justamente para criar outros padrões onde possam se encontrar como um ser humano indiferente a qualquer preconceito. A homossexualidade não vem com traços físicos herdados ou identificados visíveis no corpo, eles são forçados a criar seus próprios códigos, pois é através desses sinais que permitirão que se reconheçam em meio à multidão.

3 O UNIVERSO LGBTQIA+: HISTÓRIA E EVOLUÇÃO SEMIÓTICA

3.1 A história do movimento LGBTQIA+

Os Movimentos LGBT brasileiros surgiram das grandes influências do movimento Norte-Americano, que foi resultado de uma série de preconceitos, violências, discriminações e agressões físicas e morais, que lésbicas, gays, bissexuais e transexuais sofreram em 28 de junho de 1969, em Nova York. Um grupo de pessoas enfrentaram a força policial reivindicando por seus direitos, os mesmos sofreram repressões policiais e iniciaram cinco noites de protestos pelos direitos dos LGBT, marco esse que ficou conhecido como a Revolta de Stonewall. A partir de então, deram início aos 50 anos do Movimento do Orgulho LGBT, onde várias organizações começaram a surgir nos EUA e no mundo inteiro,

Desde então, a partir da década de 70 os movimentos LGBT surgiram em prol de um combate contra a violência, a homofobia, direitos iguais, reconhecimento das questões

relacionadas ao gênero e à sexualidade, dentre outros. Esse movimento expandiu-se em todo o Brasil, em busca da diversidade pautada na pluralidade, fato esse que encontramos na Parada Gay, é o esforço ao longo da história para obter compreensão e tratamento igual para os LGBT.

Compreende-se o conceito de Movimento Social segundo Gohn (1995), “é a organização da sociedade com a intenção de protestar, lutar, reivindicar, por algum direito, promover alguma mudança desejada ou fazer permanecer alguma decisão que seja favorável à comunidade”. Visto isso, os Movimentos Sociais têm de certa forma, um caráter sociopolítico e devem ser realizados de forma coletiva. Desse modo, pensar em movimento social significa em uma constante luta da qual pode ser ao longo prazo ou curto depende do que se quer alcançar.

A expressão LGBT é usada frequentemente para designar as lutas contra a discriminação, pelos direitos legais. Integram esse movimento as organizações que levam a cabo essas lutas e que defendem, explicitamente, os direitos humanos de homossexuais em todo o mundo. Predominantemente formado por homossexuais, traz à tona as lésbicas que começam a se afirmar nos anos 90 juntamente com os travestis e depois os bissexuais. Somente nos anos 2000, com os bissexuais, que as demais categorias do movimento LGBT se manifestaram e passaram a cobrar o reconhecimento do movimento. A própria criação da categoria “homossexual” e a sua associação à ideia de patologia associa a prática sexual entre pessoas do mesmo sexo da ideia de crime ou fragilidade moral.

3.2 Evolução semiótica do universo LGBTQIA+

Sabemos que não é de hoje que o meio LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, t..., queers, intersexuais, assexuais e +...) é existente, como exemplo podemos ressaltar a homossexualidade que é uma orientação sexual existente desde os primórdios das civilizações. Em outros tempos, a mesma foi considerada uma prática comum aos padrões morais em determinadas culturas, para outras culturas se tratava de um ato imoral ou pecaminoso. Mesmo com toda luta já existente, com toda evolução no Brasil, quando se trata dos discursos sobre a população LGBTQIA+, percebemos que ainda existem brechas que precisam ser corrigidas e muitos fatores a serem melhorados, ainda encontramos preconceito e um alto índice de homofobia vindo do meio em que o mesmo vive, na família, no trabalho, nas instituições escolares, ou até mesmo no meio religioso.

Por serem duas expressões distintas, a “homofobia” pode ser definida como o medo, o desprezo, a antipatia, o ódio aos homossexuais, termo muito utilizado para se referir ao preconceito e a discriminação em razão de orientação sexual contra gays, lésbicas (lesbofobia) ou bissexuais (bifobia); e o termo “homoafetividade” é utilizado para visibilizar e romper com o paradigma de que a homossexualidade está necessariamente restrita ao ato sexual, mas que a homossexualidade envolve relações afetivas e/ou sexuais entre pessoas do mesmo sexo. Almeida Netto (2003, p. 38) afirma:

“O termo homofobia designa um misto de medo e ódio irracionais que muitos seres humanos, especialmente homens, sentem em relação a pessoas homossexuais. Paradoxalmente, as origens desta rejeição profunda à homossexualidade costumam ser atribuídas a desejos e fantasias homossexuais, via de regra conscientes, mas reprimidas, que transformam a vida do indivíduo homofóbico em um intrincado faz de conta: a desprezo e a perseguição a homossexuais são a contra-face manifesta de um desejo homossexual latente, profundamente arraigado e negado”. (Almeida Netto, 2003, p. 38).

Almeida Netto (2003) ainda destaca a violência difusa e simbólica que não oferece perigo, legitimando a violência física que acaba com a vida de tantos homossexuais. Esse tipo de violência, segundo o autor, manifesta-se de forma muito variada, e às vezes sutil, por meio de piadas, de músicas, ofensas, dentre outros. Trata-se de um tipo de violência que se encontra presente na família, na escola, no local de trabalho, em estabelecimentos públicos dentre outros, enfim, em qualquer lugar no qual o homossexual é visto como uma pessoa inferior, marginal, indigna de respeito.

A homofobia como a hostilidade geral, psicológica e social contra aqueles e aquelas que se supõem desejar indivíduos de seu próprio sexo ou que tem práticas sexuais com eles, diz respeito à resistência contra todos/as que não partilham da orientação sexual socialmente pré-determinada do seu sexo biológico, e desse modo não obedecem ao padrão da heterossexualidade. Existindo uma construção ideológica que promove uma forma de sexualidade, baseada nos relacionamentos heterossexuais, em detrimento das demais formas de orientação sexual – entre elas os relacionamentos homossexuais. Desse modo, a homofobia organiza as sexualidades hierarquicamente (BORRILLO, 2001, p. 36).

A comunidade LGBTQIA+ a cada dia vêm sofrendo uma série de preconceitos, discriminações, violências e a opressão social, que se apresentam como atitudes de extrema crueldade, essas mesmas atitudes geram sentimentos intensos ocasionando baixa estima, depressão e muitas vezes sensação de despersonalização. Vivemos em uma sociedade de padrões psicológicos, biológicos e sociais, sendo explícito o papel que a cultura exerce nos

estilos de vida de uma pessoa, e a forma como tratam as minorias que não seguem os padrões “ditados” por uma sociedade capitalista, as mesmas se tornam categoria desviante. Sabendo-se que a livre orientação sexual e identidade de gênero são essenciais para a dignidade de cada pessoa e não devem ser motivo de discriminação ou abuso. As classificações das homossexualidades para alguns são muito complexas, porém para outras essas questões de nomenclatura se tornam necessária para poder distinguir como cada indivíduo se considera em relação a sua identidade sexual. Considerando e reconhecendo a importância desses conceitos, abordaremos o significado de algumas principais siglas e termos para melhor auxiliar o entendimento sobre os mesmos.

A capacidade de uma atração afetiva ou sexual que um indivíduo manifesta em relação a outra pessoa direcionando o seu desejo conceituamos de *Orientação Sexual*. A autora Britzman (1996), afirma que pensar a identidade não é só visualizar os elementos que são construídos através das relações sociais, mas também como capazes de atrair o desejo e o prazer. Toda identidade sexual quando relacionada à essas práticas de desejo, amor e de afetividade, se desvincula o eu dos discursos dominantes.

Nenhuma identidade sexual – mesmo a mais normativa – é automática, autêntica, facilmente assumida; nenhuma identidade sexual existe sem negociação ou construção. Não existe, de um lado, uma identidade heterossexual lá fora, pronta, acabada, esperando para ser assumida e, de outro lado, uma identidade homossexual instável, que deve se virar sozinha. Em vez disso, toda identidade sexual é um construto instável, mutável e volátil, uma relação social contraditória e não finalizada (BRITZMAN, 1996, p. 74).

Vale ressaltar que o termo orientação sexual pode existir em três tipos: ***heterossexual***, quando a pessoa exerce sua atração afetiva e sexual por pessoas do sexo oposto; ***homossexual***, quando a pessoa exerce sua atração afetiva e sexual por pessoas do mesmo sexo; ***bissexual***, quando a pessoa exerce sua atração afetiva e sexual por pessoas de ambos os sexos. Segundo Câmara (2002),

[...] o termo orientação sexual surgiu de um amplo debate interno do movimento e de uma série de consultas dirigidas a intelectuais acerca da conveniência em adotar-se essa expressão, pois, caso contemplada pelo texto constitucional, poderia abarcar um maior número de identidades sexuais (homossexuais, bissexuais e heterossexuais) sem ser evasiva, e, portanto, poderia servir de instrumento para coibir discriminações perpetradas em virtude de comportamentos que diferissem do padrão heterossexual. (CÂMARA, 2002).

A forma como a pessoa se coloca sexualmente perante a sociedade conceituamos de *Identidade de Gênero*, independente do sexo, um ser humano pode ter a identidade de gênero de mulher, de homem ou ainda outras identidades de gênero possíveis, lembrando que a

identidade de gênero é uma construção social, e não um signo físico ou biológico. Desta forma, a identidade de gênero pode ser classificada nas demais categorias

Lésbicas, terminologia utilizada para designar a homossexualidade feminina.

Gays, são indivíduos que, além de se relacionarem afetivamente e sexualmente com pessoas do mesmo sexo, têm um estilo de vida de acordo com essa sua preferência, vivendo abertamente sua sexualidade.

Transexual, refere-se à condição da pessoa que possui uma identidade de gênero diferente a designada no nascimento, tendo o desejo de viver e ser aceito como sendo do sexo oposto. Segundo Beneditti (2002, p. 144),

[...] as representações construídas pelas transexuais sobre sua condição afirmam um modelo de gênero definido, rígido, em que a separação entre o masculino e o feminino está nitidamente marcada. As transexuais negam qualquer potencial erótico do órgão genital masculino; elas não aceitam utilizar o pênis para o prazer porque, em sua visão, as mulheres não têm pênis, por isso desejam tanto a cirurgia de transgenitalização [...]. (BENEDITTI, 2002, p. 144).

Travesti, é a pessoa que se veste e se comporta social e cotidianamente, como se pertencesse ao sexo oposto. Para a pessoa travesti do gênero feminino o tratamento deverá ser precedido do artigo 'O', e para o gênero masculino precedido do artigo 'A'. Isso se justifica pelo fato dessas pessoas terem sua identidade de gênero do sexo oposto. Segundo Conde (2004, p.51),

[...] a travesti talvez seja a categoria mais transgressora em matéria de sexualidade humana, pois ela não comporta uma taxação superficial e não se aprisiona em uma prática sexual específica. [...] ao contrário dos transexuais, as travestis não sentem necessidade ou sequer vontade de se submeter à cirurgia de redesignação de sexo. (CONDE, 2004, p.51).

Transgênero, descreve pessoas que transitam entre os gêneros, englobando travestis, transexuais, *crossdressers*, *drag queens/kings* e outros/as. Contudo, há quem utilize esse termo para se referir apenas àquelas pessoas que não são nem travestis e nem transexuais, mas que vivenciam os papéis de gênero de maneira não convencional.

Drag Queen (Transformista), o gay masculino, que se veste com roupas exageradas femininas estilizadas com o intuito geralmente profissional artístico. Segundo Salih (2005, p. 19),

[...] conceito de performatividade, encenações de gênero que chamem atenção para o caráter construído de todas as identidades, sobretudo as estáveis. [...] algumas encenações mais paródicas que outras, como o *drag* que revela a natureza mimétrica de todas as identidades de gênero. [...] a teoria *queer* surgiu de uma aliança de teoria feminista, pós-estruturalista e psicanalista que fundavam e orientavam a investigação que há vinha fazendo sobre a categoria sujeito. [...] caracteriza como indistinguível,

indefinível, instável. [...] não está preocupado com definições, fixidez ou estabilidades, mas é transitivo, múltiplo e avesso à assimilação. (SALIH, 2015, p. 19).

Intersexual, são pessoas que, congenitamente, não se encaixam no binário conhecido como sexo feminino e sexo masculino, em questão de hormônios, genitais, cromossomos, e/ou outras características biológicas;

Assexuais, são pessoas que nunca, ou que raramente sentem atração sexual;

Pansexual, são pessoas que sentem atração por pessoas de qualquer identidade de gênero, ou por pessoas independentemente de seu gênero.

Crossdresser, são pessoas (geralmente homens heterossexuais) que vestem roupas ou usam objetos associados ao sexo oposto, geralmente por motivos profissionais e gratificação.

Cisgênero, Pessoa cuja identidade de gênero coincide com o sexo biológico. Aquelas que são biologicamente mulheres e possuem identidade de gênero feminina ou biologicamente homens e possuem identidade de gênero masculina.

Quando a sociedade atribuí inferioridade aos indivíduos pertencentes a este grupo social (LGBTQIA+), ela está produzindo desigualdades que são atribuídas a seu tipo de sexualidade. Este raciocínio nos conduz ao entendimento de que os movimentos LGBTQIA+ (lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais, queers, intersexuais, assexuais ...) têm uma base de luta política e cultural.

A sigla LGBTQIA+ (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis, Transexuais, Queer, Intersexuais, Assexuais ...), consiste em diferentes tipos de orientações sexuais que é utilizada como nome de um movimento que luta pelos direitos dos homossexuais, principalmente, contra a homofobia (FACCHINI, 2005). Em alguns locais no Brasil, o T, que representa a presença de travestis e transexuais no movimento, também diz respeito a transgêneros, ou seja, pessoas cuja identidade de gênero não se alinha de modo contínuo ao sexo que foi designado no nascimento (*crossdressers*, *dragqueens*, transformistas, intersexuais, assexuados, *barbies*, *butches*, *femmes*, *fairyqueens*, pansexual, dentre outros).

De acordo com o filósofo Michel Foucault (1979), a adoção do termo, para designar pessoas que mantinham relações sexuais com outras do mesmo sexo fez parte de um movimento geral no sentido de criar categorias e espécies ligadas a comportamentos sexuais, especialmente, impulsionados pelas práticas legais e pela categorização médica e psicológica no século XIX. Agora que discutimos sobre as nomenclaturas existentes que vieram surgindo ao longo do tempo trazendo variados termos de orientações sexuais, abordaremos no próximo capítulo sobre

o imaginário de Gilbert Durand relacionando os símbolos da comunidade LGBTQIA+ às suas estruturas antropológicas.

4 ANÁLISE DOS ELEMENTOS SIMBÓLICOS DA LINGUAGEM LGBT À LUZ DO IMAGINÁRIO DE GILBERT DURAND

4.1 O imaginário antropológico em Gilbert Durand

Relacionado ao senso comum como algo que é fictício, ou seja, oposto do real pertencente ao mundo da imaginação, o imaginário ganhou novas acepções a partir das teorias de estudiosos de diferentes áreas dos saberes, como a psicanálise, a antropologia, a hermenêutica, os estudos da religião, dentre outros. Contudo, por volta do século XX, o imaginário vem sendo um assunto que se destaca entre as abordagens de vários autores, levando esses teóricos a apresentarem diferentes dimensões e significados a este campo teórico. Para tanto, essas ações imaginativas resultam em imagens, mitos, arquétipos, na produção e reprodução de símbolos, onde o imaginário mostra que sua dimensão vai além do irreal e do fictício.

Para Durand (1997), o imaginário é como o “[...] conjunto das imagens e das relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* [...]”, a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano (DURAND, 1997, p. 14). Assim percebermos que as imagens, e tudo o que está em nossa volta, são representações do universo, tem valores simbólicos, tem significados e precisamos interpretar e entender como isso atua em nossas vidas. O imaginário é uma teoria que acaba se transformando em uma ferramenta para compreender esse universo que nos rodeia.

A teoria do Imaginário que discutiremos neste trabalho é resultado das pesquisas desenvolvidas pelo francês Gilbert Durand (1997), discípulo de Gaston Bachelard (1884 – 1962), que foi um grande filósofo que viajava nas poéticas da existência humana através de suas obras representadas pelos quatro elementos da matéria (fogo, ar, terra e água) que regulam o real e o imaginário enquanto matérias arquetípicas do inconsciente, alimentando pensamentos e sonhos, e nas suas experiências de devaneios que traz a fenomenologia e o imaginário como

a teoria do conhecimento, esses quatro elementos são como que formações simbólicas que aparecem em diferentes dimensões.

Freitas (2006, p. 43) comenta que “o poder agregador desses arquétipos tetra-elementares geram configurações da imaginação”, identificados nas obras de Bachelard com os subtítulos: *A água e os sonhos: ensaio sobre a imaginação da matéria*, *O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento*, *A terra e os devaneios da vontade: ensaio sobre a imaginação das forças*, *A terra e os devaneios do repouso: ensaio sobre as imagens da intimidade* e *A psicanálise do fogo*.

Ressalta Ferreira (2008, p. 27) que na poética bachelardiana arquétipos são “reservas de entusiasmo”, contudo o sonhador cria imagens, cria um mundo”. Para tanto, Bachelard também é conhecido como um filósofo do “diurno” e do “noturno”, porque aprofundou em seus estudos a oposição entre esses dois universos, nos quais o dia é racional e a noite é onírica.

Portanto, sua obra pode ser dividida em dois estudos: no primeiro apresenta-se como um ser diurno, onde estuda a razão, a ciência, a pesquisa científica, autor de *A epistemologia* e *A formação do espírito científico*; no segundo, apresenta-se como um ser noturno, onde dedicou-se as poéticas, a literatura, a poesia, a fenomenologia.

Desta forma, o próprio autor expressa no seguinte trecho de *A poética do devaneio*: “demasiadamente tarde, conheci a boa consciência, no trabalho alternado das imagens e dos conceitos, duas boas consciências, que seria a do pleno dia e a que aceita o lado noturno da alma” (BACHELARD, 2009, p. 52).

De acordo com Barbosa (2004), Bachelard consegue expressar as modificações científicas e adentrar no mundo dos sonhos e devaneios, percebendo-os não apenas como uma cópia do real, como queria a tradição, mas atingindo o verdadeiro sentido que as imagens e a imaginação são capazes de fornecer, criando, por meio de uma força imagética, uma surrealidade.

Orientado pelas discussões, em torno deste novo paradigma sobre “um novo espírito científico”, onde a ciência propõem estudar o homem em sua capacidade de devaneio, Gilbert Durand, antropólogo e filósofo da ciência funda o Centro de Pesquisas do Imaginário (*Centre de Recherche sur l’Imaginaire*), em Grenoble em 1966, cuja proposta se desenvolve com forte influência das obras do próprio Bachelard e do psiquiatra suíço Carl Jung (1875-1961), cujas ideias se desenvolveram através de uma teoria dos arquétipos, os quais se expressam em

imagens simbólicas coletivas, presentes em toda a humanidade (PITTA, 2005). Segundo Durand,

a teoria do imaginário vem, ao longo dos anos, se estruturando enquanto teoria científica, a partir da comprovação de que o psiquismo não funciona apenas à luz da percepção imediata e de um encadeamento racional de ideias, mas, também, na penumbra de um inconsciente, revelando as imagens irracionais do sonho, da neurose ou da criação poética (DURAND, 2010).

Segundo Wunemburguer (2007, p. 19), “Durand contribuirá para amplificar as aquisições Bachelardianas situando-se no nível de uma antropologia geral e sistematizará uma verdadeira ciência do imaginário”. Dessa forma, Durand (1997) desenvolve uma série de estudos com relação as questões simbólicas e realiza pesquisas aplicadas aos setores do pensamento simbólico, nas atitudes imaginativas do homem a percepção, produção e reprodução de símbolos, imagens, mitos e arquétipos, onde esse aglomerado conjunto de elementos simbólicos formaria o “imaginário”, fator esse que tem como função levar o homem a um equilíbrio biopsicossocial diante da percepção da temporalidade e da finitude.

Para tanto, através de seus estudos da produção cultural humana relacionados às imagens que surgem das narrativas mitológicas, das religiões e das grandes obras literárias e artísticas, que Durand (1997) estabelece seu trajeto antropológico do imaginário que “consiste na incessante troca que existe ao nível do imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social” (DURAND, 1997, p. 41).

Para tanto, o imaginário de Durand (1997) é antropológico, ele estuda a história da evolução do homem através da mitologia, dos contos, das lendas, ele viaja no percurso do homem ao longo de sua existência e das diversas imagens que aparece nesse percurso, construindo eixos que ele denomina de Classificação Isotópicas das Imagens (DURAND, 1997).

Para Durand (1997), o homem tem medo da morte e do tempo, ele passa por esquemas heroico e esquizomórficos que estão relacionados a uma série de reflexos que lembramos através da memória. Logo, a memória não se dá sem que o corpo seja o receptáculo dessas informações, onde as mesmas são acionadas através da nossa imaginação, ou seja, nosso corpo funciona como um sensor que capta essas imagens na imaginação para que nossa memória seja acionada. E baseando-se no sistema Bachelardiano sobre os eixos diurno e noturno, Durand relacionou que o homem tem grande angústia com relação ao tempo, tem medo da morte e de envelhecer.

Segundo Durand (1997, p. 82), estabelece assim uma classificação das imagens produzidas no psiquismo humano, considerando a existência de dois regimes simbólicos: um diurno e um noturno. A partir disto, apresentaremos a seguir a visão das teorias de Gilbert Durand que parte dos estudos das Estruturas Antropológicas do Imaginário para explicar a Classificação Isotópicas das Imagens.

Para tanto, Durand denominou as estruturas do imaginário de heroicas ou esquizomorfas (relacionadas ao gesto *postural*), dramáticas ou sintéticas (relacionadas ao gesto *copulativo*) e místicas ou antifrásicas (relacionadas ao reflexo *digestivo*). Desta forma, o gesto postural relaciona-se ao posicionamento ereto do ser humano, associado aos movimentos de ascensão e de verticalização dando origem aos símbolos de heroísmo e de potência, de subida em direção à luz e ao sol, de elevação e pureza, de confronto e separação. Para tanto, esses gestos remetem aos símbolos ascensionais (cetro, flecha, asa, anjo, etc.), espetaculares (luz, sol, ouro, fogo, céu, etc.) e diairéticos (herói, espada, etc.), conjunto de símbolos que Durand classifica como Regime Diurno (RD) formado por estruturas heroicas (ou esquizomorfas) que entram em conflito para vencer a morte. Desta forma, Durand (2002) caracteriza o Regime Diurno como, “ações de separar e pelas atitudes bélicas de heróis violentos e que todo o sentido do RD do imaginário é pensamento “contra” as trevas, da animalidade ou da queda, ou seja, contra o *Cronos*, o tempo mortal” (DURAND, 2002, p. 188).

Dessa forma, Durand denominou de Regime Noturno (RN) as trevas das quais o Regime Diurno é a antítese que estão relacionadas ao reflexo digestivo. Nesse mesmo regime a inversão e a eufemização das imagens relacionadas à morte e da percepção do tempo nos aproxima da finitude, é o que Durand chama de estruturas místicas ou antifrásicas. Esse regime no processo de eufemização é caracterizado pelos símbolos da queda, do abismo, da descida. Relacionado ao processo de digestão ele valoriza o movimento da alimentação, da adoração, etc. Contudo, para Durand a imaginação noturna é, assim, naturalmente levada da quietude da descida e da intimidade. Assim sendo, para Durand no Regime Noturno as temidas trevas transformam-se em benéfica noite:

O antídoto do tempo já não será procurado no sobre-humano da transcendência e da pureza das essências, mas na segura e quente intimidade da substância ou nas constantes rítmicas que escondem fenômenos e acidentes. Ao regime heroico da antítese vai suceder o regime pleno do eufemismo. Não só a noite sucede ao dia, como também, às trevas nefastas (DURAND, 1997, p. 194).

Assim sendo, as atitudes psíquicas associadas às imagens noturnas, fazem a síntese do temor e da angústia frente ao tempo e à morte (estruturas místicas), na esperança de vencer o

tempo (estruturas heroicas), onde essas mesmas estruturas nomeadas como sintéticas ou dramáticas se relacionam ao reflexo dominante copulativo, como exemplos (narrativas da morte e renascimento, caos e regeneração, androginia e ligação dos contrários) fazem parte do movimento cíclico que caracterizam algumas imagens noturnas. Para Durand, o imaginário é como o “[...] conjunto das imagens e das relações de imagens que constituem o capital pensado do homo sapiens [...]”, a estrutura essencial na qual se constituem todos os processamentos do pensamento humano (DURAND, 1997, p. 14).

No diagrama a seguir buscamos resumir a teoria do imaginário de Gilbert Durand, o Regime Diurno, o Regime Noturno e a Classificação Isotópicas das Imagens.

Tabela 1: Diagrama da teoria do imaginário de Gilbert Durand e a Classificação isotópicas das imagens.

Gilbert Durand (1903-2012)	Regime Diurno	Regime Noturno	
Imaginário	Esquizomórficas (ou heroicas)	Sintéticas (ou dramáticas)	Místicas (ou antifrásitas)
Relação	Gesto postural	Gesto Copulativo	Gesto digestivo
Associados	Movimentos de ascensão, subida, direção à luz, ao sol, elevação, etc.	Movimentos de mordicância, de adoração, etc.	Imagens da morte e do tempo.
Classificação Isotópica das Imagens			
As faces do tempo		O cetro e o gládio	
Símbolos Teriomórficas: São arquétipos relacionados ao nosso medo com animais selvagens (leão, cobra, jacaré, ogro, cavalo quitônico, pé grande, etc).		Símbolos Diaréticos: São os arquétipos da cisão (espada, gládio, lança, etc), para combaterem os símbolos teriomórficos (animais ferozes) que nos assustam.	

<p>Símbolos Nictomórficas: São arquétipos relacionados com a noite, a escuridão, as trevas.</p>	<p>Símbolos Espetaculares: São os arquétipos da luz (vela, ouro, fogo, sol, céu, etc), para combaterem os símbolos nictomórficos das trevas e da escuridão.</p>
<p>Símbolos Catamórficas: São arquétipos relacionados com a queda (abismo, buraco, prédio alto, etc).</p>	<p>Símbolos Ascensionais: São os arquétipos de elevação (a pomba, a árvore, a escada, etc), para combaterem os símbolos catamórficos</p>

Fonte: Fonseca. Sharon, 2020.

Inicialmente, o pensamento lógico e a imagem não estão separados, a imagem carrega um sentido que está relacionado à significação imaginária, ou seja, um signo, um símbolo. Logo, “[...] o imaginário não só se manifestou como atividade que transforma o mundo – imaginação criadora –, mas, sobretudo como transformação eufêmica do mundo, como *intellectus sanctus*, como ordenança do ser às ordens do melhor” (DURAND, 1997, p. 432).

4.2 Imagens, símbolos e representações

O símbolo revela certos aspectos da realidade, os mais profundos que desafiam qualquer outro meio de conhecimento. Logo, “[...] as imagens, os símbolos e os mitos não são criações irresponsáveis da psique; elas respondem a uma necessidade e preenchem uma função: revelar as mais secretas modalidades do ser” (ELIADE, 2002, p. 8 - 9). Desta forma, notamos que um profundo estudo das imagens, dos símbolos e dos mitos nos permite conhecermos melhor o homem e toda a sua trajetória como um ser histórico.

Para tanto, percebemos que a parte histórica do ser humano não se perde, ele reintegra através das imagens e símbolos para a sua antiga existência, isso se deve a parte histórica do ser humano onde ele encontra essa existência perdida em suas lembranças. Segundo Eliade (2002),

Escapando à sua historicidade, o homem não abdica da qualidade de ser humano para se perder na “animalidade”; ele reencontra a linguagem e, às vezes, a experiência de um “paraíso perdido”. Os sonhos, os devaneios, as imagens de suas nostalgias, de seus desejos, etc., tantas forças que projetam o ser humano historicamente condicionando em um mundo espiritual infinitamente mais rico que o mundo fechado do seu “momento histórico”. (ELIADE, 2002).

Segundo Eliade (2002), “[...] os símbolos jamais desaparecem da atualidade psíquica: eles podem mudar de aspecto; sua função permanece a mesma”. Para tanto, as imagens aproximam-nos de uma maneira mais eficaz e real da linguagem, logo as imagens degradadas oferecem um possível ponto de partida para a renovação de outras imagens. Para que essa renovação aconteça precisamos deformar essas imagens e dá espaço para nossa imaginação.

Segundo Bachelard (2001), “uma imagem estável e acabada corta as asas à imaginação, não nos deixa repensar e nem recriar outras imagens [...] precisamos recensear todos os desejos de abandonar o que se vê e o que se diz em favor do que se imagina”. Somente com essa capacidade criativa que conseguimos sentir o objetivo da imaginação, devolvendo a ela toda a sua sedução que ela nos transpassa para nos lançarmos em uma viagem imaginária.

Durand (1997) ao tratar de símbolos e imagens confrontou e explorou o conceito de imaginação simbólica retirando do seu conteúdo para o conhecimento um novo conceito sobre a imaginação, onde nada mais tinha haver com o equilíbrio humano, e a imaginação passaria a ser vista como um termo relacionado ao devaneio.

Desta forma, Durand (1997) ao resgatar a imaginação a partir da análise das ciências ressalta que o alcance do conhecimento deve ir além dos limites impostos pela razão, que o imaginário humano é como um lugar de saberes, que influi nas ações humanas para alcançar o equilíbrio. Podemos ver esses fatos de Durand mencionados na citação de José Carlos de Paula Carvalho:

Para mim o imaginário é a chave de qualquer estudo na Ciência do Homem, na antropologia [...] é o reservatório antropológico, onde podemos recortar esquemas e trajetos, utilizando as imagens que me distribuem as culturas ou as análises psicológicas que me distribuem as intenções da história, os estilos (CARVALHO, 1998, p. 37).

Essa citação deixa claro que Durand (1997) reconhece que as imagens podem se desenrolar para produzirem outras imagens levando em conta o contexto da cultura da humanidade.

Bachelard (2001) também como Durand considerava que o método racional não era totalmente exclusivo para o estudo do ser humano, logo propôs uma melhor observação adequada sobre o homem dentro de sua experiência da abertura para a imaginação. Como podemos ver esse enlace entre homem e mundo não racional Pitta (2005) menciona que:

O símbolo permite estabelecer o acordo entre o eu e o mundo; que os quatro elementos (terra, água, ar e fogo) são “harmônios da imaginação”. O símbolo é, pois, dinâmico

a partir de tal constatação Bachelard estabelece a relação entre símbolo, imagem, imaginário, “o vocábulo fundamental que corresponde à imaginação não é a imagem, é o imaginário. O valor de uma imagem se mede pela extensão de sua aura imaginária. Graças ao imaginário, a imaginação é essencialmente aberta, evasiva. Ela é no psiquismo humano a experiência da novidade”. (PITTA, 2005, p. 16).

Dessa forma, Durand se apropria de muitas ideias de Bachelard, para ele os estudos do psiquismo, da imagem, do símbolo, do imaginário e da imaginação alimenta o conhecimento.

Para tanto, a evolução do homem como um ser racional e pensante se torna dinâmica tanto pelo seu desenvolvimento biológico quanto pelo simbolismo. Para tanto, Durand se manteve nas abordagens do simbolismo para a aprendizagem do imaginário. Pode-se dizer que para Durand (1997, p. 31), “o símbolo não é do domínio da semiologia, mas de uma semântica especial, o que quer dizer que possui algo a mais que um sentido artificialmente dado e detém um essencial e espontâneo poder de repercussão”. Desta forma, para conhecer o universo da representação humana temo que reconhecer o animal simbólico, que constrói e desconstrói o seu lugar no mundo e que o símbolo é o fundador da linguagem humana.

Durand (1997) apresenta a existência de duas maneiras que a consciência possui para representar a realidade: 1ª está presente no espírito, na percepção ou na sensação; 2ª quando a coisa não pode se apresentar em carne e osso à sensibilidade, recordações, imaginação de paisagens, etc. Ou seja, quando a consciência humana ocorre em forma de imagens e se reconhece como símbolo, logo, o símbolo é primeiro figura como fonte de ideias.

Segundo Paul Ricoeur (1977, p. 22), [...] o símbolo requer uma semântica própria [...] é um enigma, não no sentido de bloquear a inteligência, mas de provocá-la algo a desenvolver ou desimplicar no símbolo. Para tanto, sobre uma definição de símbolo, Durand a empresta nas palavras de André Lalande: “[...] qualquer signo concreto que evoca, através de uma relação natural, algo ausente ou impossível de perceber” (DURAND, 1988, p. 10). No contexto sobre noção de símbolo nos estudos de Jung, que definiu o símbolo como “a melhor figura possível de uma coisa relativamente desconhecida que não conseguíamos designar inicialmente, de uma maneira mais clara e mais característica” (DURAND, 1988, p. 10).

O pensamento de Durand (1988) sobre a imagem é de suma importância pois se fez necessário para denunciar a cegueira e recolocar a imagem dentro de um sistema de signos que interessam a linguagem e a imaginação simbólica. A partir da leitura da obra de Durand (1988) sobre as imagens ele aborda em dois momentos: no primeiro ele traz essa problematização no período moderno onde o imaginário se baseava na razão e no progresso; no segundo momento

ele problematiza na pós modernidade, uma imagem não associada à filosofia, emerge uma nova relação com o tempo e o espaço se tornando algo mutável. A proposta de Durand (1988) sobre as imagens é de como elas deixam de ser prestigiadas porque são substituídas, para colocar em seu lugar outra coisa.

Durand (1997) explica, que o símbolo é capaz de conduzir à expressão especulativa que nada mais é que o ato ou efeito de pensar,

[...] os símbolos e os agrupamentos isotópicos que os ligam apareceram-nos como diretamente reveladores de estruturas. Por outras palavras, o imaginário, num certo sentido, apenas reenvia para si próprio e nós podíamos contentar-nos com a classificação precedentemente estabelecida. Todavia, se uma tal convergência de resultados, se uma total verificação do semantismo das imagens é possível, é necessário que nos interroguemos sobre o sentido que se pode induzir de uma tão geral concordância. (DURAND, 1997, p. 378).

Toda a análise desse sentido simbólico foi decisiva para o estudo da antropologia estrutural imaginária. Para tanto, Durand (1988) precisou apaziguar várias concordâncias sobre o que ele chama de sentido. Contudo, Durand (1988) apresenta várias tentativas de explicação dos símbolos adquiridas no meio exterior e não no homem e outra orientada para a dinâmica da imaginação que se escreve no homem, numa busca simbólica incansável, interminável, em que o conhecimento humano é o conhecimento dos símbolos.

4.3 Elementos simbólicos na linguagem LGBT

As comunidades LGBT adotaram diversos símbolos com os quais se identificam e são identificados demonstrando união, orgulho e partilha de valores. Os símbolos LGBT comunicam ainda, ideias, conceitos e identidades. Como o movimento a cada dia florescia, os adeptos dessa prática preferiram um símbolo que chamasse mais atenção, foi assim que surgiu a bandeira do arco-íris, criada pelo artista Gilbert Baker que se inspirou nos hippies para os quais o arco-íris representava a paz, ficando assim reconhecida como o símbolo das minorias sexuais, logo cada cor tem seu significado específico (LINO, 2011).

Figura 1: A bandeira do arco-íris – símbolo do movimento LGBTQ+



Fonte: Imagens do Google, 2020.

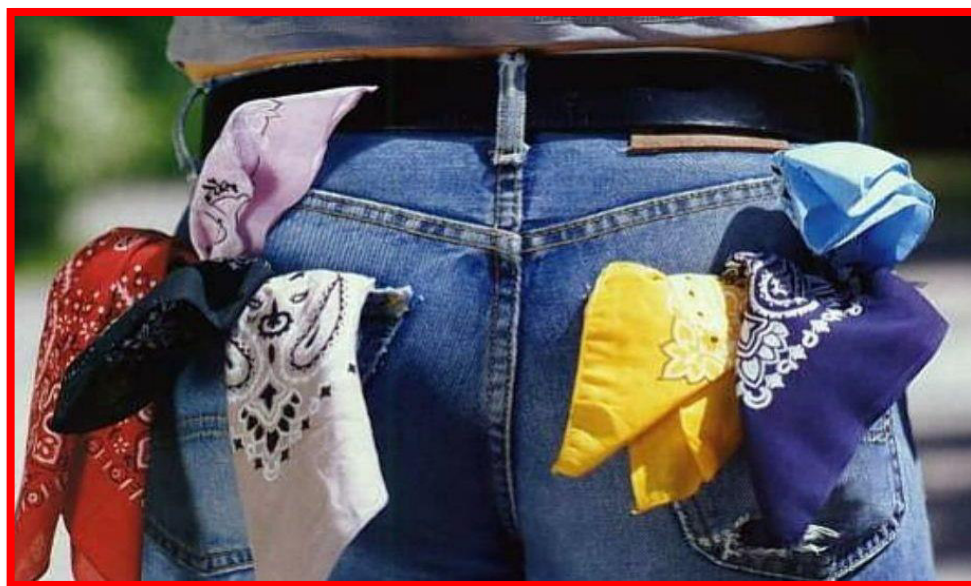
Em reportagem da BBC News/Brasil (2017), Gilbert Baker pintou a primeira versão da bandeira do arco-íris com oito faixas de cores, em 1978, para o Dia de Liberdade Gay de San Francisco, na Califórnia (Estados Unidos), data que passou a ser considerada precursora da parada de orgulho LGBT moderna. Cada cor possui um significado, um sentido, uma mensagem a ser transmitida, a bandeira original tinha as seguintes cores, cada uma representando um aspecto diferente da humanidade:

- Rosa - sexualidade
- Vermelho - vida
- Laranja - cura
- Amarelo - luz do sol
- Verde - natureza
- Turquesa - mágica/arte
- Anil - harmonia/serenidade
- Violeta - espírito humano

Tempos depois, a bandeira foi reduzida a seis cores, sem a cor rosa e o anil. O azul também acabaria por substituir o turquesa. Em 2015, o Museu de Arte Moderna de Nova York, o MoMa, adquiriu a bandeira para a sua coleção de obras, chamando-a de "poderoso marco histórico do design". Falando sobre sua criação, Baker disse que queria transmitir a ideia de

diversidade e inclusão, usando "algo da natureza para representar que nossa sexualidade é um direito humano" (BBC NEWS/BRASIL, 1 de abril de 2017).

Figura 2: O código dos lenços – Preferências sexuais.



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Na década de 1970 nos EUA os LGBT's continuavam relegados à marginalidade, porém a liberação sexual estava a todo vapor, e a comunidade gay começava a exigir seu lugar perante a sociedade. O assunto viralizou e o “*Jornal Village Voice*”, trouxe várias notas sobre os gays norte-americanos que usavam vários acessórios colocados em partes de suas roupas, que tinham significados de sinais que indicavam vários tipos de preferências sexuais, explicitando as tribos a qual pertenciam cada gay. Um dos códigos mais populares naquela época eram os lenços, acessório da época usado para indicar se o sujeito preferia ser ativo (usado no bolso esquerdo) ou ser passivo (usado no bolso direito). Desta forma, eles comunicavam não apenas a posição que preferem, mas a prática que mais gostam de acordo com a cor.

Nessa mesma época, o fotógrafo Hal Fischer (1977) monta um documentário fotográfico discorrendo sobre como os aspectos visuais e os signos ainda traduzem como forma de linguagem, semiose, e expressão semiótica para essa comunidade, buscando padrões e ocorrências que consigam explicar esses signos enquanto manifestação cultural.

Segundo Márcio Caparica (2020), no livro *The Leatherman Handbook 2* (“O manual do couro 2”, em tradução livre), de Larry Towsand (1979), as cores dos lenços eram escolhidas

conforme os significados a seguir:

- Preto: S&M⁵
- Azul escuro: sexo anal
- Azul claro: sexo oral
- Marrom: cropofilia (brincar com fezes)
- Verde: prostituição
- Cinza: bondage (ser amarrado)
- Laranja: vale tudo a qualquer hora (mas não necessariamente com qualquer um)
- Roxo: piercing
- Vermelho: fistar (inserir a mão no ânus)
- Rosa: dildos/brinquedos anais
- Branco: masturbação
- Amarelo: Golden Shower (brincar com urina)

Figura 3: Anéis da Liberdade



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Em reportagem ao jornal “The News York Times”, os anéis da liberdade de material em alumínio foram desenhados pelo designer de joias David Spada em 1991, com inspiração nas cores da bandeira LGBT simbolizando a independência, tolerância, felicidade, representando a diversidade da comunidade gay e lésbica. Sua fabricação tinha o intuito de

⁵ S&M: tendência sexual ao sadomasoquismo, é dar ou receber prazer através de atos que envolvem o recebimento ou aplicação de dor física e moral.

arrecadar fundos para a “*Parada Gay do Dia da Liberdade*” de 1991 em San Francisco tornando-se tendência nacional (Gelder, Lindsay Van. 21 de junho de 1992). Este símbolo atualmente utiliza-se para representar o movimento lésbico e feminista, a sua força e independência.

Quanto às cores, não poderíamos deixar de trazer à construção de nossas análises o imaginário que Gilbert Durand discorre sobre elas:

Enquanto as cores, no regime diurno da imagem, se reduzem a algumas raras brancuras azuladas e douradas, preferindo aos cambiantes da paleta a nítida dialética do claro-escuro, sob o regime noturno toda a riqueza do prisma e das pedras preciosas vai se desenvolver (DURAND, 1997, p. 220).

Como falamos no item 4.1, Durand (1997) divide as imagens em dois grandes regimes: o diurno e o noturno. Na perspectiva simbólica, para estudar os arquétipos fundamentais da imaginação humana tomamos os regimes diurnos e noturnos da imagem como agrupamentos de estruturas vizinhas, também em torno dos processos rituais e nos mitos podemos distinguir as constantes universais da cor.

Percebemos que nessas três representações simbólicas (a bandeira do arco-íris, os lenços e os anéis da liberdade) mencionadas acima, a cor simboliza um elemento de alto poder discursivo. No campo da comunicação e das representações, as cores ou sua essência, vinculam sentidos na cognição do homem de perceber e reconhecer valores e sensações. Tais sentidos que Durand (1997) sistematiza a partir dos regimes diurnos e noturnos da imagem referidos por Gaston Bachelard, adquirindo particularidades na construção histórica de cada cultura. Dessa forma, cada cor carrega diversos sentidos de acordo com a simbologia referente em diferentes sistemas culturais.

Para tanto, Durand (1997, p. 147) afirma que “a cor desaparece à medida que a pessoa se eleva em sonho e faz lhe dizer: “sinto, então, uma grande impressão de pureza”. Neste aspecto Durand relaciona a cor branca e a cor azul,

“a pureza” ao céu azul, as cores frias, um afastamento da excitação, repouso, recolhimento. A psicologia contemporânea confirma, de resto, esse caráter privilegiado do azul celeste, do azul pálido. No Rorschach o azul é a cor que provoca menos choques emocionais [...] e as cores frias, entre as quais o azul, agem num sentido de afastamento de excitação. (DURAND, 1997, p.147-148).

As cores laranja, vermelho e amarelo simbolizam em Durand (1997) a cor da eternidade,

assim como o ouro é o metal da eternidade, a luz do sol representa o dia. Na simbologia alquímica, passa-se constantemente da meditação da substância ouro ao seu reflexo, possuindo o ouro graças ao seu brilho “as virtudes dilatadas do sol no seu corpo” e tornando-se o sol por isso, muito naturalmente o signo alquímico do ouro. (DURAND, 1997, p. 149).

Desta forma, esse simbolismo relaciona-se ao ouro, aos símbolos ascensionais ou espetaculares, fazendo o cetro e o gládio do sol o isomorfo do amarelo, do laranja e do vermelho.

A cor verde em Durand (1997, p. 220-221), desempenha isomorficamente um papel terapêutico porque é assimilado à calma, ao repouso, a profundidade materna. Tanto o verde quanto o violeta representam “cores de abismo” relacionando-se à sua essência a noite, as trevas, a escuridão. Já a multicoloração está ligada diretamente nas constelações noturnas ao engrama da feminilidade moderna, à valorização positiva da mulher, da natureza, do centro, da fecundidade. (DURAND, 1997, p. 223).

Figura 4: O triângulo rosa, o triângulo preto e o triângulo rosa e amarelo

Triângulo rosa	Triângulo negro	Triângulo rosa e amarelo
		
<p>O triângulo rosa era usado para marcar homens homossexuais.</p>	<p>O Triângulo preto marcava as mulheres ditas "associadas". Foi mais tarde adoptado como símbolo lésbico.</p>	<p>O Triângulo rosa/amarelo marcava os judeus homossexuais.</p>

Fonte: Imagens do Google, 2020.

O triângulo rosa é um dos símbolos mais antigos da simbologia LGBT. Vale ressaltar que durante a Segunda Guerra Mundial já se encontravam vestígios desses símbolos, precisamente nos campos de concentração nazistas, os homens capturados por práticas homossexuais eram identificados por um triângulo rosa eram tidos como os “piores prisioneiros”, símbolo esse que permaneceu. Além do triângulo rosa, tinha o triângulo preto ou (negro) que marcava as mulheres ditas “associadas” que foi mais tarde adotado como símbolo lésbico e o triângulo rosa/amarelo que marcava os judeus homossexuais.

Durante a pesquisa, vimos que os Triângulos do holocausto foram uma linguagem própria desenvolvida pelos nazistas para classificar os prisioneiros nos campos de concentração, mas não encontramos nenhuma referência sobre a origem ou opção do triângulo como figura geométrica “escolhida” para fazer estas marcações nos prisioneiros. Pensamos que poderia ser qualquer figura geométrica (um quadrado, um círculo, um losango, números), mas

porque um triângulo?

Quanto às análises do imaginário de Durand (1997), observamos que o triângulo em sua forma invertida tem a base maior superior e a ponta para baixo, formando uma imagem de cálice que Durand (1997) relaciona ao arquétipo da inversão e da intimidade com o regime noturno e uma estrutura mística que é a descida da taça. A taça é um símbolo que representa o órgão feminino, o receptáculo, a origem da vida, a profundidade, aquilo que recebe dentro de si algum conteúdo. Para um melhor entendimento sobre o regime noturno e o símbolo de inversão Durand (1997) menciona que:

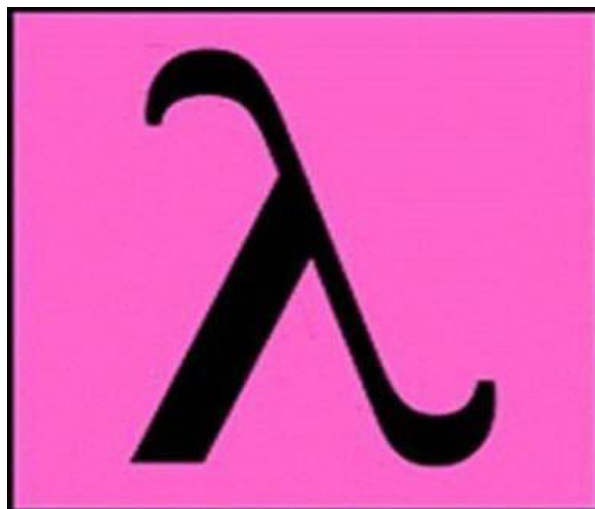
O Regime Noturno da imagem estará constantemente sob o signo da conversão e do eufemismo. O primeiro grupo de símbolos que vamos estudar é constituído por uma simples inversão de valor afetivo atribuído as faces do tempo. [...] a valorização é fundamental e inverte o conteúdo afetivo das imagens: é então que, no seio da própria mãe noite, o espírito procura luz e a queda se eufemiza em descida e o abismo minimiza-se em taça [...]. (DURAND, 1997, p. 197-198)

É importante frisar que Durand (1997) utiliza a imagem da taça para eufemizar a queda no abismo, isto é, a angústia diante da morte sofrida pelo homem no regime diurno vem atenuar-se no regime noturno. Assim, a inclinação da taça (o triângulo invertido) permite uma descida suave de todo o seu conteúdo.

Quando os nazistas utilizaram a imagem do triângulo invertido para marcar prisioneiros homossexuais, por mais que esta imagem remeta a sexualidade feminina, há, por trás dessa imagem, no inconsciente coletivo toda uma carga de eufemização das ações humanas.

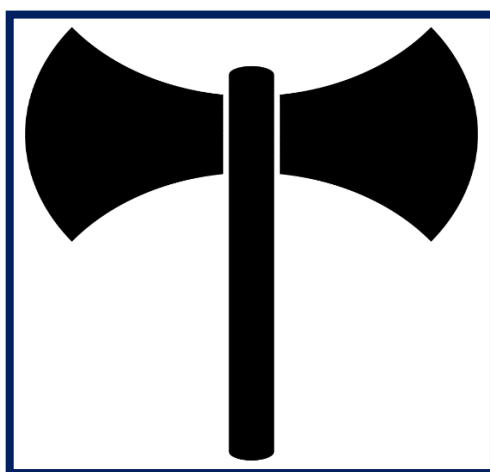
Ainda que um genocídio estivesse acontecendo, o arquétipo da inversão (imagem da taça – triângulo invertido), subtendida que é pelo esquema sexual ou digestivo do engolimento, sobredeterminada pelos simbolismos do redobramento e do encaixe, transformam toda aquela tragédia agressiva em algo eufemizado pelos que participam do fenômeno, como se fosse natural. O triângulo invertido consegue de alguma forma amenizar as representações agressivas de seus algozes, buscando uma assimilação de encaixe e acomodação.

De maneira mais genérica, o triângulo normal representa a “Trindade”, o Pai-Filho-Espírito Santo. Já os dois triângulos entrelaçados, para a geometria, envolvem o axioma “assim como em cima, assim é embaixo” (autor, ano). O triângulo superior é o mundo espiritual e o triângulo inferior é o mundo material, um reflexo da verdade. Simbolicamente situados no triângulo inferior invertido, devemos olhar para o espírito, que está no triângulo superior, a fim de encontrar toda a verdade. De outro modo, permanecemos num território de sombras, onde os ventos desfavoráveis agitam nossas imagens e distorcem a nossa visão da verdade.

Figura 5: Lambda

Fonte: Imagens do Google. 2020.

O Lambda é a letra grega equivalente ao “L” usado como símbolo do movimento LGBT (Lésbicas, Gays, Bissexual e Transgênero) escolhida pela “*New York Gay Activist Alliance*” em 1970. Considerada uma bandeira de guerra pelos guerreiros gregos que eram acompanhados por seus jovens amantes nas batalhas, atitude esta que demonstrava o desejo de lutar até a morte. Para tanto, este símbolo foi acolhido pelo Congresso Internacional de Direitos Gays em Edimburgo, Escócia em 1974. A letra lambda na física significa longitude associada a energia e no movimento LGBT é usada para simbolizar a energia do Movimento de Direitos Homossexuais significando “união na opressão” (STOP Homofobia, 11 de abril 2011).

Figura 6: Labrys.

Fonte: Imagens do Google. 2020.

O Labrys ou “machado de dupla folha”, foi um símbolo muito usado pela civilização minoica (associado ao matriarcal), pelas civilizações amazonas da Grécia antiga, as deusas gregas (Demetria e Artemis) símbolo de fertilidade e a agricultura. Atualmente representa o movimento lésbico e feminista (STOP Homofobia, 11 de abril 2011).

Na teoria de Durand (1997), a Lambda e o Labrys são símbolos diairéticos do regime diurno que servem para destruir os símbolos teriomórficos (p. 159). Símbolo de corte da separação, representa o poder de destruir a face do tempo, o medo da morte através do corte dos inimigos.

Interessante para o movimento feminista e a luta das lésbicas, que enfrentam monstros cotidianamente e estariam armadas pelo Labrys em formato de machado de lâmina dupla ou de dois gumes, diferentemente do machado comum que só corta em um lado da lâmina. Isomorfo da espada, espécie de poder que as mulheres carregam durante suas lutas contra a homossexualidade.

Figuras 7: Mercúrio

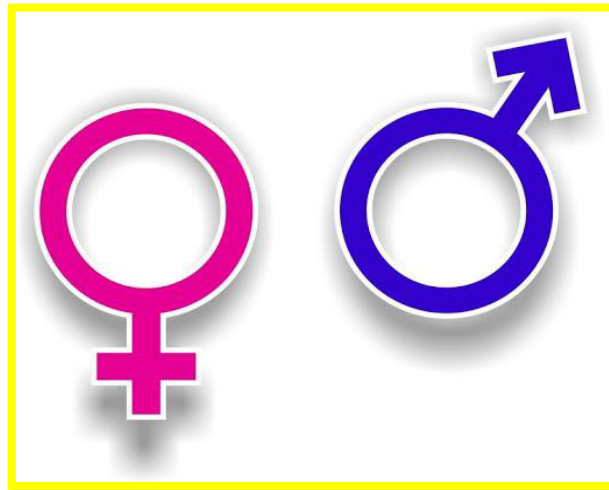


Fonte: Imagens do Google, 2020.

Na mitologia grega, esse símbolo se baseia no nascimento de “Hermaphroditus” filho(a) de Hermes e Afrodite, o mesmo nasceu com órgãos masculinos e femininos. Este

símbolo denota o masculino (a lua crescente em cima), o feminino (a cruz embaixo) com o anel representando o individual equilíbrio aos dois (STOP Homofobia, 11 de abril 2011).

Figura 8: Símbolos de gênero.



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Existentes desde a Roma antiga, esse símbolo representa a cruz de Vênus (feminino) e a seta de Marte (masculino). Quando usados em pares identificam os homossexuais masculinos e femininos, já nas variações dos símbolos podemos encontrar tanto para bissexualidade como para a transexualidade. (STOP Homofobia, 11 de abril 2011.)

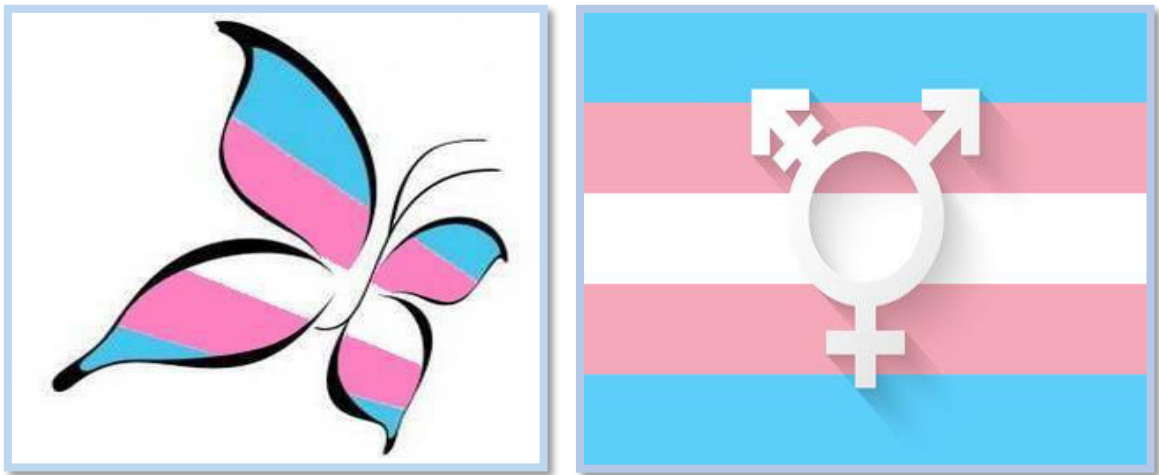
Figura 9: Símbolos da bissexualidade.



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Os triângulos bissexuais foram criados por Liz Namia, em 1978, representando o orgulho bissexual, a cor rosa representa a homossexualidade e a cor azul a heterossexualidade que juntos formam a cor roxa, ou seja, uma mistura de ambas as orientações sexuais. Assim como os triângulos que misturam as cores para outras orientações, em 1988, Michael Page desenhou uma bandeira do orgulho bissexual representando a cor rosa para (atração do mesmo sexo), a cor azul (atração para sexo oposto) e a cor roxa (atração para ambos os sexos). (STOP Homofobia, 11 de abril 2011).

Figura 10: Símbolo dos transgênero.



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Os símbolos transgêneros surgem a partir da modificação do símbolo biológico, autoria de Holly Boswell para identificar os transexuais. A seta superior direita designa o homem, a cruz na parte inferior do círculo designa o feminino e o terceiro símbolo unem ambos os sexos. Outro símbolo transgênero é a bandeira do orgulho transgênero, desenhada por Mônica Helms apresentada na Marcha do Orgulho LGBT em Phoenix-Arizona em 2000. Consiste em 5 (cinco) faixas horizontais:

- Azul: cor tradicional para meninos;
- Rosa: cor tradicional para meninas;
- Branca: para quem está em transição entre um gênero e outro;

Outro símbolo que representa os transgênero é a borboleta (transformação e

metamorfose). (STOP Homofobia, 11 de abril 2011).

Nas análises de Durand (1997), os símbolos mencionados acima (mercúrio, símbolos de gênero, símbolos da bissexualidade, símbolos do transgênero) relacionam-se ao hermafrodita em que o mesmo tem uma semelhança com a figura do andrógino, mas são diferentes. O hermafrodita é o único ser que nasce com os dois órgãos (masculino e feminino), o andrógino não, o ser humano só possui um órgão ou masculino ou feminino. O andrógino é um homem cujos traços femininos são bem visíveis e aparentes no sentido comportamental, afetivo e emocional, na forma de lidar com as pessoas, não quer dizer que seja gay ou homossexuais.

É uma pessoa heterossexual com a feminilidade avançada. Se for mulher, ela vai ter órgão sexual feminino, mas com traços masculinos bem acentuados, mas não é homossexual, nem lésbicas, é uma mulher com traços masculinos.

Esse símbolo de mercúrio traz dentro do imaginário de Durand (1997) um regime noturno profundo, tanto o hermafrodita quanto o andrógino estão relacionados às estruturas místicas do regime noturno, símbolos da intimidade que buscam a união dos contrários (p. 297). A maior parte das divindades da lua ou da vegetação possuem uma dupla sexualidade.

Figura 11: Desfile da Parada Gay.



Fonte: Imagens do Google, 2020.

Trazendo à tona a importância da Parada Gay que é o orgulho para os LGBTQIA+, onde tem por objetivo não só conscientizar as pessoas da diversidade que uma sociedade constrói, mas também trabalhar o respeito às opiniões e diferenças de cada indivíduo.

Para a comunidade LGBTQIA+, assumir publicamente sua orientação sexual ou identidade de gênero é um momento significativo na trajetória pessoal e social. O movimento respeita e apoia a decisão e o momento de cada indivíduo, procura oferecer orientação e auxílio sempre quando solicitado. O ato de assumir-se é extremamente significativo, pois traz implicações também ao próprio movimento, seja uma identidade de lésbica, gay, bissexual ou transgênero, dentre outras, tem que partir de si para depois ser revelado para a sociedade. Os (as) atores (as) do movimento LGBTQIA+ procuram incentivar uma postura ética, pouco sensacionalista, sem banalização ou ridicularização das pessoas pelos meios de comunicação. Processo de auto aceitação que pode durar a vida inteira.

Nas últimas décadas, o movimento LGBT em todo o mundo luta pelo fim da homofobia, pela igualdade de direitos, pela vocalização das demandas de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais. As conquistas já observadas em vários lugares e áreas são consequências da ação de ativistas em vários países. No movimento LGBT, consiste em uma estratégia de ação para a conquista de direitos e desenvolvimento de políticas públicas em diversas áreas relacionadas às temáticas LGBT, como união estável, leis de combate à homofobia, prevenção às DST e AIDS, atendimento à comunidade LGBT.

Na teoria de Durand (1997), o desfile LGBT é uma prática de ritual orgiástico que simboliza o caos primitivo, que se tolera com seus desregramentos e os seus excessos. Seus componentes demonstram que para fazerem parte dessa luta, eles participam da caminhada, do desfile, mesmo não sendo homossexual.

A partir disto eles iniciam nesse ritual. É um símbolo cíclico noturno porque são eventos que acontecem ano após ano, ou seja, ciclicamente, símbolo lunar relacionada a imagem de um círculo.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscamos no decorrer deste trabalho explicar um pouco sobre o percurso histórico do conceito de gênero que muitos autores (as) abordam, mas que nos últimos anos está sendo ressaltado mais nos movimentos que reivindicam seus direitos como as “minorias” do que nas escolas, nas famílias, dentre outros.

Analisamos que ao longo do tempo várias autoras que retratam sobre gênero e sexualidade instigam a sociedade a tentar compreender as abordagens sobre identidades de gênero e as práticas preconceituosas que ainda hoje são comuns e afetam, principalmente, a comunidade LGBTQIA+... Para tanto, os conceitos de gênero e sexualidade desconstruem a construção do sujeito e através dos discursos o mesmo se encontra sempre em processo, assumindo a sua própria essência [...] (BEAUVOIR, 1960). Desta forma, o corpo aparece como um meio sobre o qual carrega os significados culturais seja ele masculino ou feminino.

A partir disto, as relações sociais de poder entre homens e mulheres são determinadas por papéis sociais diferentes. Desta maneira, discutir sobre gênero é mostrar que pode existir igualdade e respeito na sociedade, é conscientizar o outro da diversidade que nos constitui. Desse modo, devemos problematizar e desconstruir os significados culturais relacionados ao biológico e incluir sujeitos que são excluídos como: mulheres, transexuais, bissexuais, lésbicas, assexuais, homossexuais, dentre outros. Somente passaremos a dar mais visibilidade a esses sujeitos que se sentem oprimidos.

Sabendo-se que, o conceito de gênero é móvel e não uma estrutura fixa, o sujeito sempre estará em uma constante transformação perante à sociedade. Contudo, foi através dos movimentos feministas dos anos 70 que o conceito de “gênero” passou a ser usado para tratar das questões de desigualdades sociais, das hierarquias, das dominações masculinas e femininas, dentre outros.

Assim como as noções tradicionais de gênero estão sendo transformadas a ideia acerca da sexualidade também vem sofrendo mudanças. Antes, a sexualidade era vista como forma de reprodução, nos dias atuais, a sexualidade se baseia na vida de cada indivíduo, levando o sujeito a explorar e moldar a sua sexualidade. Desta forma, percebemos na contemporaneidade que esses conceitos de “gênero e sexualidade” vem trazendo vários debates em que há uma grande

crítica de um sistema binário simbolizando a identidade humana, subdividindo homens e mulheres, que em casa, cada um tem seus papéis atribuídos a cada indivíduo.

Para tanto, a sexualidade envolve práticas eróticas nas quais o ser humano é quem escolhe suas relações afetivas, objetos, desejos, proibições, condutas que se configuram ao longo do período histórico, acarretando o surgimento de novas categorias. Por se tratar de novas categorias o movimento feminista, o movimento de gays e lésbicas trouxeram outros debates sobre as identidades e práticas sexuais e de gênero. A sexualidade com relação ao homossexual que antes era vista e associada a uma ideia de patologia, crime e fragilidade moral, hoje é comum, possibilitando viver o prazer e desejos corporais de forma mais explícita ocasionando o surgimento de novas identidades e diferenciações. Logo a sexualidade é “apreendida” ou melhor, construída ao longo de toda a vida, de muitos modos por todos os sujeitos (Louro, 2000).

A história da sexualidade no século XVII foi marcada por proibições, o indivíduo ao cometer infrações em confissões da carne era direcionado as penitências, o sexo era visto como algo ilícito, sua linguagem era controlada. Nos dias atuais, esse mesmo sujeito que fala sobre o sexo multiplicou os discursos que envolve a sexualidade fazendo com que esse personagem fique no passado. Desta forma, percebemos que no século XX aos dias atuais, os discursos sobre o sexo vêm com menos ruptura e que os estudos de gênero abriram caminhos para novas pesquisas.

Para tanto, os movimentos que surgiram para combater a violência, a homofobia e as questões de gênero e sexualidade cada vez mais ganhavam repercussão, expandindo o movimento para todo o mundo em busca da diversidade pautada na pluralidade. Desta forma, o movimento LGBTQIA+ com as Paradas Gays promoveram várias mudanças na ótica da sociedade, nas quais reivindicavam por seus direitos, por reconhecimento, para o fim da homofobia, dentre outros. Contudo, esses movimentos se tornaram mais potentes quando as lésbicas, os homossexuais começaram a se firmar nos anos 90 cobrando reconhecimento do movimento.

Com o aumento da população LGBTQIA+ no Brasil, as classificações das homossexualidades em forma de nomenclatura se tornaram necessário, pois, caberia distinguir cada indivíduo da forma como os mesmos se consideram em relação à sua identidade sexual. Entretanto, a comunidade LGBTQIA+ adotou e partilha de diversos símbolos para representarem sua classe. Para decifrar esses símbolos relacionamos os mesmos as questões do imaginário de Durand (1997), para entendermos o universo à qual a comunidade LGBTQIA+

se inserem. Dessa forma, percebemos que tudo o que está em nossa volta são representações do universo, tem valores simbólicos, tem significados. Contudo, Durand (1997) estabelece uma classificação das imagens produzidas no psiquismo humano, considerando a existência de dois regimes simbólicos: um diurno e um noturno. Através desses regimes Durand (1997) explica a classificação isotópicas das imagens onde “o pensamento lógico e a imagem não estão separados, a imagem carrega um sentido que está relacionado à significação imaginária” (DURAND, 1997). Logo, o estudo das imagens, dos símbolos, dos mitos e dos arquétipos nos permite conhecer melhor o homem e toda a sua trajetória.

Portanto, vimos que ao longo do tempo as transformações sobre o conceito de gênero e sexualidade foram se moldando da mesma forma que a comunidade LGBTQIA+ se transforma a cada dia para expor seus conceitos e diferenciações. Desta forma, a análise da simbologia LGBTQIA+ só veio acrescentar o objeto em estudo, porque, em meio a tantos símbolos, notamos a presença de um fator oculto, seja, na cor de uma bandeira ou de um lenço, ou em um objeto geométrico, em um desfile, etc. Tudo isso, está relacionado com sua ótica e os significados que estão ocultos naquele objeto analisado. Muitas vezes, esses símbolos que representam a comunidade LGBTQIA+ trazem um enorme valor simbólico, ou melhor uma forma de se reconhecer em meio a sociedade. Cabe a nós reconhecê-los e decifrá-los e respeitar as diversidades ali presentes. Dessa forma, teremos como resultado a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, voltada para um conceito de que todos sejam inclusos.

6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA NETO, Luiz Mello de. **Um olhar sobre a violência contra homossexuais no Brasil**. Gênero: Núcleo Transdisciplinar de Estudos de Gênero – NUTEG. Niterói, v. 4, n. 1, p. 33-46, 1. sem. 2000.

BACHELARD, Gaston. *A poética do devaneio*. 3ª ed. São Paulo: WMF. Martins Fontes, 2009.

_____. *O ar e os Sonhos: Ensaio sobre a imaginação do movimento*. 2ª Ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

BARBOSA, Elyana. *Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação*. Petrópolis: Vozes, 2004.

BBC NEWS/BRASIL. **A história por trás da bandeira arco-íris, símbolo do orgulho LGBT**. 1 de abril de 2017. Disponível em URL: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-39466677>. Acessado em 15 de fevereiro de 2020.

BENEDETTI, Marcos Renato. **A calçada das máscaras**. In: GOLIN, Célio & Weiler, Luis(orgs.). *Homossexualidade, cultura e política*. Porto Alegre: Sulina, 2002.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo: Fatos e Mitos**. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1960.

_____. **O Segredo do Sexo: A experiência vivida**. São Paulo: Difusões Europeias do Livro, 1960.

BORRILLO, Daniel. **Homofobia**. Barcelona: Ediciones Bellaterra, 2001.

BRITZMAN, Deborah. **O que é esta coisa chamada Amor – Identidade homossexual, educação e currículo**. *Revista Educação e Realidade*, v. 21, p. 71- 96, jan/jun, 1996.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero: feminino e subversão da identidade**. Tradução, Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CÂMARA, Cristina. **Cidadania e orientação sexual: a trajetória do grupo Triângulo Rosa**.

CAPARICA, Márcio. **O Código dos lenços e a semiótica gay dos anos 1970**. In: **Podcast Lado Bi**. Disponível em URL: <http://www.ladobi.com.br/quem-somos/>. Acessado em 02 de fevereiro de 2020.

CARVALHO, José Carlos de Paula. *Imaginário e Mitologia: Herminêutica dos Símbolos e Estórias da Vida*. Londrina: Ed. UEL, 1998.

DURAND, Gilbert. **A imaginação simbólica**. Trad. Carlos Aboim de Brito. 6ª ed. Lisboa: Edições 70, 1993.

_____. **A imaginação simbólica.** Tradução Eliane Fittipaldi Pereira. São Paulo: Cultrix, Editora da Universidade de São Paulo, 1988.

_____. **As estruturas antropológicas do imaginário.** (Trad. De Hélder Godinho). Lisboa: Presença, 1997/2007.

_____. **O imaginário: ensaio acerca das ciências e da filosofia da imagem.** 4ª ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2010.

ELIADE, Mircea. **Imagens e Símbolos: Ensaio sobre o simbolismo mágico-religioso.** Tradução Sônia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

FACCHINI, Regina. **Sopa de Letrinhas?: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90.** Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

FERREIRA, Agripina E. A. **Dicionário de imagens, símbolos, mitos, termos e conceitos bachelardianos.** Londrina: EDUEL, 2008.

FISCHER, Hal. **Gay semiotics: A photographic study of visual coding among homosexual men.** 5ª ed. San Francisco, California: Cherry and Martin, 1977.

FREITAS, Alexander de. **Água, ar, terra e fogo: arquétipos das configurações da imaginação poética na metafísica de Gaston Bachelard.** In: *Revista Educação e Filosofia.* Uberlândia, v. 20, nº 39 – jan./jun. 2006. P. 39-70.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade II: o uso dos prazeres.** 12ª ed. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

_____. **A ordem do discurso.** 19ª Edição. São Paulo: Loyola, 2009.

_____. **História da sexualidade, vol. 1: A vontade de saber.** Rio de Janeiro: Graal, 1979.

GIDDENS, Anthony. **Sociologia** (Tradução Sandra Regina Netz) – 4.ed. – Porto Alegre: Artmed, 2005.

_____. **Sociologia.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2004.

Rio de Janeiro: Academia Avançada, 2002.

GROSSI, M. P. **Identidade de Gênero e Sexualidade.** Coleção Antropologia em Primeira Mão. PPGAS/UFSC, 1998.

HALL, Stuart. **Identidades culturais na pós-modernidade.** Rio de Janeiro: DP&A, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade.** (Trad. Tomaz Tadeu da Silva). 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

PITTA, Danielle Perim Rocha. **Iniciação à teoria do imaginário de Gilbert Durand.** Rio de Janeiro: Atlântica Editora, 2005.

REIS, T. org. **Manual de Comunicação LGBTI+.** Curitiba: Aliança Nacional LGBTI+/Gay Latino, 2018.

RICOEUR, Paul. **Da interpretação: ensaio sobre Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1977.

SCOTT, Joan. **Gênero: uma categoria útil de análise histórica**. Educação e Realidade, vol. 20, n° 2, Porto Alegre, jul-dez/1995, p.71-99.

STOP HOMOFOBIA: **Promovendo a luta contra homofobia a favor dos direitos LGBT: Símbolos e seus significados na cultura LGBT**. 11 de abril de 2011. Disponível em URL: <https://stophomofobia.wordpress.com/?s=simbolos+e+seus+significados+na+cultura+lgbt>. Acessado em 20 de fevereiro de 2020.

Sociologia em Movimento. – 2. Ed. São Paulo: Moderna, 2016.

WEEKS, Jeffrey. **Invented moralities: sexual values in na age afuncertainty**. Nova York: Columbia University Press, 1995.

WUNENBURGER, Jean-Jacques. **O imaginário**. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

Imagens do Google:

- Bandeira do arco-íris. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- O código dos lenços – preferências sexuais. Disponível em URL: <https://stophomofobia.wordpress.com/?s=simbolos+e+seus+significados+na+cultura+lgbt>.
- Triângulo rosa, triângulo preto e triângulo rosa e amarelo. Disponível em URL: <https://www.politize.com.br/lgbt-historia-movimento/>.
- Anéis da Liberdade. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Lambda. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Labrys. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Mercúrio. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Símbolos de gênero. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.

- Símbolos da bissexualidade. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Símbolos transgênero. Disponível em URL: <https://www.elo7.com.br/bandeira-lgbt/dp/FB5A67>.
- Desfile da Parada Gay. Disponível em URL: <https://independente.com.br/8h-parada-gay-lota-avenida-paulista/>